

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

ERIC ALVES AZEREDO

**TORCIDAS ORGANIZADAS ANTIFASCISTAS: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO ESTUDO DE CASO DA RESISTÊNCIA CAIPIRA**

VILA VELHA
2025

UNIVERSIDADE VILA VELHA - ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**TORCIDAS ORGANIZADAS ANTIFASCISTAS: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO ESTUDO DE CASO DA RESISTÊNCIA CAIPIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

ERIC ALVES AZEREDO

VILA VELHA
2025

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

A993t

Azeredo, Eric Alves.

Torcidas organizadas antifascistas: uma análise a partir do estudo de caso da resistência caipira / Eric Alves Azeredo – 2025 91f.

Orientador: Eduardo Georjão Fernandes.

Dissertação (mestrado em Sociologia Política) - Universidade Vila Velha, 2025.

Inclui bibliografias.

1. Sociologia Política. 2. Futebol – Torcedores.
3. Democracia. I. Fernandes, Eduardo Georjão. II. Universidade Vila Velha. III. Título.

CDD 306.2

ERIC ALVES AZEREDO

**TORCIDAS ORGANIZADAS ANTIFASCISTAS: UMA
ANÁLISE A PARTIR DO ESTUDO DE CASO DA
RESISTÊNCIA CAIPIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2025

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente

GERSON DE LIMA OLIVEIRA

Data: 23/05/2025 18:45:05-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Gerson de Lima Oliveira (Unipampa)



Documento assinado digitalmente

TIAGO NOGUEIRA HYRA E CHAGAS RODRIGUES

Data: 24/05/2025 11:37:35-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Tiago Nogueira Hyra e Chagas Rodrigues (UVV)



Documento assinado digitalmente

EDUARDO GEORJAO FERNANDES

Data: 23/05/2025 14:04:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Eduardo Georjão Fernandes (UVV)

Orientador

“FASCISMO NÃO SE DEBATE. FASCISMO SE DESTRÓI”
(Buenaventura Durruti)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e por me mostrar que a verdadeira força vem da fé. Sem Ele certamente esta página estaria em branco.

Aos meus pais Maria Aparecida e Laerte pelo amor, incentivo permanente e apoio incondicional. Exemplos de integridade acadêmica e ética científica.

À minha família pela compreensão e paciência nos momentos de ausência, mas que hoje entendem e valorizam este momento único na minha vida.

Minha gratidão especial ao professor Dr. Eduardo Georjão Fernandes pela orientação precisa, pelo aconselhamento assertivo e estímulo permanente. Sua capacidade de encontrar erros onde eu só via genialidade, me ensinou o significado da palavra humildade e, de forma mais surpreendente, a arte da resiliência.

Aos professores do PPGSP da Universidade Vila Velha, em especial ao professor Dr. Rafael Cláudio Simões pela troca de conhecimentos e amizade sincera.

Aos participantes das entrevistas e aos integrantes da Torcida Resistência Caipira, em especial ao professor Juarez Alves de Lima Junior, que dedicaram seu tempo com informações valiosas para este trabalho.

E, finalmente, a todos que, de uma forma ou de outra, foram essenciais para a conclusão desta dissertação.

Sumário

INTRODUÇÃO	14
1. ENTRE O TORCER E A AÇÃO POLÍTICA	22
1.1 Futebol, sociologia e política.....	22
1.2 Torcidas organizadas e as quatro ondas	28
2. A CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO E O BOTAFOGO/SP.....	40
2.1. A cidade de Ribeirão Preto	40
2.2. O Botafogo de Ribeirão Preto	44
3. A TORCIDA RESISTÊNCIA CAIPIRA.....	52
3.1 Fundação e causas defendidas	52
3.2 Formalização como torcida organizada	58
3.3 Relação com a política interna do clube	63
3.4 Relação com outras torcidas.....	66
4. A RESISTÊNCIA CAIPIRA EM CAMPO	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
APÊNDICE A.....	87
APÊNDICE B.....	90

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Protesto nas Olimpíadas de 1968.	15
Figura 2: Reinaldo com o punho cerrado.....	25
Figura 3: Democracia Corintiana.....	26
Figura 4: Dia 15 – Vote.	27
Figura 5: Ganhar ou perder, mas sempre com democracia.....	27
Figura 6: Torcida Uniformizada do Flamengo (charanga).....	29
Figura 7: Torcida Organizada dos 4 maiores clubes do RJ.....	31
Figura 8: Torcida Força Jovem do Vasco.....	32
Figura 9: Nem guerra entre torcidas nem paz entre classes.....	37
Figura 10: Algumas Torcidas Antifascistas.....	38
Figura 11: Choperia Pinguim.....	41
Figura 12: Ribeirão Preto noturna.....	43
Figura 13: Sócrates e a torcida Resistência Caipira.....	58
Figura 14: Passarela do álcool 1.....	69
Figura 15: Relação Resistência Caipira e torcida Fiel Força.....	70
Figura 16: Passarela do álcool 2.....	71
Figura 17: Presença da bandeira da Palestina.....	73
Figura 18: Sr. Juarez Alves e o autor da dissertação.....	74
Figura 19: Arena Nicnet.....	77
Figura 20: Posicionamento da torcida Resistência Caipira no estádio.....	78

LISTA DE SIGLAS

ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.
Apea	Associação Paulista de Esportes Atléticos
BFC	Botafogo Futebol Clube
BFSA	Botafogo Futebol Sociedade Anônima
CBD	Confederação Brasileira de Desportos.
CBF	Confederação Brasileira de Futebol.
CE	Ceará (estado do)
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
COVID-19	Coronavírus Disease 2019
ES	Espírito Santo (estado do)
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FPF	Federação Paulista de Futebol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero.
LED	Light Emitting Diode (Diodo emissor de luz)
PCB	Partida Comunista Brasileiro.
PC do B	Partid Comunista do Brasil
PM	Polícia Militar

PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PT	Partido dos Trabalhadores
RJ	Rio de Janeiro (estado do)
RS	(Rio Grande do Sul (estado do)
SAF	Sociedade Anônima do Futebol
S/A	Sociedade Anônima
SP	São Paulo (estado de)
TAU	Torcidas Antifascistas Unidas do Nordeste
TJF	Torcida Jovem do Flamengo
TNT	Tecido não tecido
TOs	Torcidas Organizadas
UP	Unidade Popular pelo Socialismo
URC	Ultras Resistência Coral

LISTA DE ABREVIATURAS

p.	página.
Antifas	Antifascistas.
dez.	dezembro
Dr.	doutor
ed.	edição
jan.	janeiro
jun.	junho
n.	número.
nov.	novembro
out.	outubro
v.	volume.

RESUMO

AZEREDO, Eric Alves, M.Sc., Universidade Vila Velha – ES, fevereiro de 2025.

Torcidas organizadas antifascistas: uma análise a partir do estudo de caso da resistência caipira. Orientador: Eduardo Georjão Fernandes

Embora a Ultras Resistência Coral do Ferroviário Atlético Clube da cidade de Fortaleza (CE), fundada em 2005, venha a ser considerada a primeira torcida antifascista no Brasil, a partir de 2018 verificou-se a emergência de diversas torcidas de futebol autodenominadas antifascistas, em reação a um contexto de ascensão do conservadorismo. A união de torcedores de diferentes clubes, inclusive rivais, protagonizou, por exemplo, protestos contra o governo Bolsonaro e a favor da democracia. Um dos coletivos surgidos à época foi a Torcida Resistência Caipira do Botafogo de São Paulo, com atuação marcante em posicionamentos políticos do clube da cidade de Ribeirão Preto. Esta dissertação objetiva analisar as estratégias de ação das torcidas antifascistas a partir do estudo de caso da Torcida Resistência Caipira do Botafogo/SP. Metodologicamente, foram realizadas entrevistas online com membros da Resistência Caipira, com o intuito de compreender seu histórico, as causas defendidas, os processos organizativos e as relações com o clube e as demais torcidas. Foi realizada também uma entrevista com o atual presidente do Botafogo/SP. O pesquisador também realizou uma observação, em dia de jogo do Botafogo/SP, na Arena Nicnet, para verificar o pré-jogo, a atuação da torcida Resistência Caipira durante a partida, o pós-jogo e a relação entre os membros da Resistência Caipira e as outras torcidas organizadas do clube. Os resultados apontam, no caso estudado, para a defesa de um conceito amplo de “antifascismo” - vinculado a pautas progressistas e à crítica à “arenização” do futebol - e para um processo de formalização da torcida, como estratégia de legitimação diante do clube e das demais torcidas organizadas do Botafogo/SP.

Palavras-chave: Torcidas organizadas, antifascismo, Botafogo de Ribeirão Preto, Resistência Caipira, democracia.

ABSTRACT

AZEREDO, Eric Alves, M.Sc., Vila Velha University – ES, February 2025.
Organized antifascist supporters: an analysis based on the case study of the Caipira Resistance. Advisor: Eduardo Georjão Fernandes.

Although the Ultras Resistência Coral of the Ferroviário Atlético Clube in the city of Fortaleza (CE), founded in 2005, is considered to be the first anti-fascist fan club in Brazil, 2018 has seen the emergence of several self-described anti-fascist soccer fans, in reaction to a context of rising conservatism. The union of fans from different clubs, including rivals, has led to protests against the Bolsonaro government and in favor of democracy. One of the collectives that emerged at the time was the Torcida Resistência Caipira of Botafogo de São Paulo, which played an important role in the political positions of the club from the city of Ribeirão Preto. This dissertation aims to analyze the action strategies of anti-fascist supporters based on the case study of Torcida Resistência Caipira do Botafogo/SP. Methodologically, online interviews were conducted with members of Resistência Caipira in order to understand its history, the causes it defends, its organizational processes and its relations with the club and other supporters. An interview was also conducted with the current president of Botafogo de São Paulo. The researcher also carried out an observation on the day of a Botafogo/SP match at the Nicnet Arena, to check the pre-match, the performance of the Resistência Caipira supporters during the match, the post-match and the relationship between the members of Resistência Caipira and the other organized supporters of the club. The results point, in the case studied, to the defence of a broad concept of “anti-fascism” - linked to progressive agendas and a critique of the “arenization” of soccer - and to a process of formalization of the fanbase, as a legitimization strategy in relation to the club and the other organized supporters of Botafogo/SP.

Keywords: Organized supporters, antifascism, Botafogo de Ribeirão Preto, Caipira Resistance, democracy.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1930, jamais se viu uma escalada tão marcante da extrema-direita reacionária, autoritária e/ou neofascista como a que foi presenciada nos últimos anos. Trump nos Estados Unidos, Modi na Índia, Orbán na Hungria, Erdogan na Turquia, Duterte nas Filipinas e Bolsonaro no Brasil, presidentes eleitos com um viés antidemocrático, governaram sob a égide de um governo autoritário, preconceituoso e elitista (LÖWY, 2019).

O “inimigo” pode ser os muçulmanos e os imigrantes, como acontece em países da Europa, Estados Unidos, Índia, Birmânia, ou minorias religiosas (cristãos, judeus, yezhidis) em certos países muçulmanos. Em outros casos, predomina o nacionalismo xenofóbico, o racismo, o fundamentalismo religioso ou até mesmo o ódio pela esquerda política, pelas mulheres e homossexuais (LÖWY, 2019).

Ainda segundo Löwy (2019),

apesar dessa diversidade há alguns traços comuns à maioria, senão a todos [os países em que há ascensão da extrema direita]: o autoritarismo, o nacionalismo integral - “*Deutschland über alles*” e suas variantes locais: “*America First*” e “O Brasil acima de tudo”, etc. - a intolerância religiosa ou étnica (racista) contra o “Outro”, a violência policial / militar como única resposta aos problemas sociais e à criminalidade.

A relação entre política e esportes já se mostrou presente em diversos eventos no curso da história moderna. Conforme Blume (2016), embora o fascismo exista há mais de um século, grandes eventos esportivos, como as Olimpíadas, já foram palco de ações de movimentos antifascistas. Blume (2016) afirma que “pelo seu tamanho e relevância, os Jogos Olímpicos tornaram-se um palco recorrente de manifestações políticas dos mais diversos tipos, que marcaram a história”. As Olimpíadas de 1936, em Berlim, por exemplo, foram uma espécie de “vitrine” para o regime nazista de Adolf Hitler, que queria usar o evento para provar sua força perante as demais potências europeias. Porém, um negro americano (Jesse Owens) frustrou os seus planos ao conquistar quatro medalhas de ouro, sendo uma delas no salto em distância, derrotando exatamente um atleta alemão.

Ainda segundo Blume (2016), o ano de 1968 foi marcado por inúmeros acontecimentos em vários países do mundo. Na França, ocorreu uma série de protestos estudantis, reivindicando reformas no sistema educacional. No Brasil, a ditadura militar passava pelo período mais repressor e nos Estados Unidos, o líder do movimento pelos direitos civis dos negros, Martin Luther King, foi assassinado. Nesse ano, estavam sendo disputados os Jogos Olímpicos na cidade do México, e um gesto durante a execução do hino nacional americano se tornou um dos maiores símbolos na luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Tommie Smith e John Carlos subiram ao pódio para receber o ouro e o bronze dos 200 metros rasos e os dois atletas levantaram os braços para o alto, com os punhos cerrados, representando o gesto do movimento “Panteras Negras”.

Figura 1: Protesto nas Olimpíadas de 1968



Fonte: <https://www.politize.com.br/olimpiadas-politica-5-vezes/>.

Blume (2016) cita ainda outro fato importante, o ataque terrorista ocorrido durante os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, quando “terroristas palestinos invadiram a Vila Olímpica, sequestraram e mataram 11 atletas israelenses”, reivindicando “a libertação de 200 prisioneiros nas mãos de Israel”. No Brasil, um exemplo importante da relação entre futebol e política se deu com a “Democracia Corinthiana” na década de 1980. Esse foi o primeiro grande e

importante movimento protagonizado por jogadores de futebol no país contra o regime militar da época, debatendo os mais diferentes problemas do país nos campos de futebol.

Nesse percurso temporal, as mudanças aconteceram em várias modalidades esportivas e as torcidas, antes “pacíficas” e apenas “torcedoras”, passaram a viver intensamente a política e a participar ativamente das causas sociais. As charangas, com seus chefes de torcida que se comportavam como autênticos “animadores de auditório”, deram origem às torcidas organizadas, que logo se transformaram em diferentes coletivos, se envolvendo diretamente com o dia a dia dos clubes do país. Tais coletivos discutem, participam e têm posições políticas definidas frente aos problemas nacionais.

Essas torcidas têm influenciado algumas decisões tomadas pelos dirigentes dos principais clubes do país e atuado de forma direta na política do clube. Por exemplo, em maio e junho de 2020, uma série de protestos de rua protagonizados por integrantes de torcidas organizadas e por coletivos de torcedores a favor da democracia e contra o governo do então presidente Jair Bolsonaro despertou a atenção da grande mídia. Essas manifestações ocorreram principalmente nas cidades do Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e São Paulo, quando o Brasil atravessava um dos piores momentos da crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19 e, em que, semanalmente, ocorriam manifestações da extrema direita a favor de pautas antidemocráticas, como a volta do regime militar.

As torcidas organizadas antifascistas no Brasil parecem ter tido o seu ápice, em termos de surgimento e mobilização, a partir da eleição e posse do ex-presidente Jair Bolsonaro. No intuito de entender e estudar este fenômeno, Oliveira, Pereira e Fernandes (2024) fizeram um mapeamento de torcidas autodenominadas antifascistas nas redes sociais (Facebook e Instagram), o que resultou nos seguintes dados: 139 torcidas, sendo 28 na Região Sul, 53 no Sudeste, 52 no Nordeste, 02 no Norte e 04 no Centro-Oeste. A partir desses dados, deve ser destacada a presença numerosa de torcidas organizadas antifascistas nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, com 22 e 19, respectivamente, catalogadas.

Outro ponto importante de destaque na pesquisa é a existência de redes de torcidas, com destaque para a atuação da coalizão “Torcidas Antifascistas

Unidas do Nordeste”, ou simplesmente a “TAU Nordeste”, bastante atuante e que incorpora e luta em prol de uma coletividade de torcedores inseridos em torcidas organizadas antifascistas estabelecidas na região Nordeste do Brasil.

Conforme mencionado anteriormente, muitas torcidas organizadas antifascistas foram criadas recentemente; porém, nem todas continuam ativas e/ou em processo de reestruturação, sendo que algumas atualmente não existem mais ou simplesmente não alimentam mais as suas redes sociais com atualizações sobre o seu funcionamento e suas formas de atuação na sociedade. Essa percepção é decorrente do contato feito pelo autor desta dissertação com os perfis das redes sociais das torcidas organizadas antifascistas listadas por Oliveira, Pereira e Fernandes (2024), resultando em um baixíssimo retorno.

A partir desse contato, a torcida Resistência Caipira, do Botafogo de Ribeirão Preto - SP se destaca pelo seu caráter de oficialidade e pela sua institucionalização, dado que é registrada em cartório, além de possuir atuação constante, com interação e ativismo junto ao clube e à região em que a mesma está inserida geograficamente.

Fundada em 2018, a Resistência Caipira foi formalizada como associação em 2023 e tem buscado influenciar na política institucional do clube de forma geral. Essa característica de institucionalização justifica a relevância do estudo do caso da Resistência Caipira, uma vez que, em tese, a concepção de antifascismo estaria relacionada a uma postura autonomista e de conflito em relação às instâncias institucionalizadas de poder.

Assim, o objetivo geral desta dissertação é analisar as estratégias de ação das torcidas antifascistas a partir do estudo de caso da Torcida Resistência Caipira do Botafogo/SP. Para tanto, a dissertação busca (i) descrever o contexto da emergência das torcidas antifascistas no Brasil contemporâneo, (ii) investigar o histórico e as causas defendidas pela Resistência Caipira e (iii) analisar os processos organizativos da Resistência Caipira a partir das relações com o clube e as outras torcidas.

Metodologicamente, a pesquisa partiu do levantamento de torcidas autodenominadas antifascistas realizado por Oliveira, Pereira e Fernandes (2024) nas redes sociais digitais (Instagram, Facebook e X - antigo Twitter). Com base na lista de torcidas mapeadas, foi realizado contato com o conjunto de

torcidas por meio de mensagens nas redes sociais digitais. O que se observou, após os contatos feitos, foram as seguintes situações: geralmente, os contatos feitos não eram respondidos; quando havia respostas, as torcidas, em sua maioria, eram representadas por uma pessoa que respondia por aquele coletivo (resultando em uma espécie de “eu torcida”). Quando identificado mais de um integrante na torcida, percebia-se que, de forma geral, estava ausente uma estrutura de coletividade organizada e com funções definidas para seus membros.

Importante destacar que ao serem observados os dados disponíveis das torcidas organizadas antifascistas nas redes sociais, suas postagens e suas mensagens, quase que em sua totalidade, o ápice interacional ocorreu nos anos de 2020, 2021 e 2022, até o período das eleições presidenciais, quando os coletivos antifascistas surgiram para atuar de maneira mais ampla na sociedade em diversos âmbitos, lutando contra formas de autoritarismo e discriminação (BALDUCCI, 2022). Assim, identificou-se certo arrefecimento da atuação de tais torcidas nas redes após 2022.

Convém ressaltar que as torcidas antifascistas, segundo Lopes e Rueda (2022), surgiram como contraponto às torcidas organizadas “tradicionais”, já que estas não possuem um perfil de atuação política ou ideológica definida. Além disso, as organizadas possuem uma maior estrutura burocrática de cunho empresarial, obtendo maior número de membros em relação às outras (LOPES; RUEDA, 2022). Nesse sentido, a menor institucionalização das torcidas antifascistas é destacada pela literatura.

Diante do contato inicial com o campo, a torcida organizada antifascista “Resistência Caipira” se destacou, sob inúmeros aspectos: interação com as mensagens enviadas pelo pesquisador; receptividade ampla e irrestrita quanto ao tema proposto na dissertação e quanto aos pedidos de entrevista; alto grau de organização interna; acesso total aos membros da torcida; história de resistência, de luta e com objetivos bem definidos que se mantêm ao longo dos anos; e caráter de “oficialidade” da torcida, com a existência, inclusive, de um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), criado em outubro de 2023.

A aparente “excepcionalidade” da Resistência Caipira em termos organizacionais justificou a escolha teórico-metodológica pelo estudo de caso centrado nessa torcida. A coleta de dados envolveu a realização de entrevistas

semiestruturadas com quatro integrantes da Resistência Caipira¹ (três homens e um mulher). Diante das notícias veiculadas nas mídias sociais e por meio de notícias em outras plataformas de comunicação, os entrevistados foram questionados, de forma a se entender o funcionamento e a estrutura da torcida, sua história, seus objetivos e bandeiras de luta, o entendimento dos membros quanto às questões econômicas atuais do futebol, as ações realizadas e a interação com a política institucional do clube e com outras torcidas. Os contatos iniciais foram feitos via *WhatsApp* e por ligação telefônica. Quando aceito o convite, as entrevistas foram realizadas utilizando-se a plataforma *Zoom* e, após gravadas.

De forma complementar, foi realizada uma entrevista com o atual presidente do Botafogo/SP, Sr. Eduardo Cezar Esteves

.² Quanto a esse interlocutor, as perguntas foram encaminhadas por *WhatsApp* e envolviam assuntos desde a sua trajetória administrativa, passando por temas como arenização, SAF, política do clube e a sua relação com as torcidas organizadas. Todas as entrevistas foram transcritas inicialmente por software de IA e, posteriormente, revisadas pelo pesquisador.

Em todas as entrevistas, o autor dessa dissertação fez um breve relato sobre a sua trajetória profissional e sobre os objetivos das entrevistas, informando que elas seriam gravadas para posterior transcrição e que o anonimato nas respostas seria mantido, exceto com o presidente do clube, por ser seu nome de conhecimento público.

Optou-se por entrevistas e não por questionários, pois por meio daquelas, o pesquisador obtém um material mais minucioso, na medida em que pode interferir no processo de reflexão, solicitando esclarecimentos, exemplos e aprofundamentos. Ou seja, as entrevistas mostram-se instrumentos valiosos para a investigação qualitativa, permitindo que o pesquisador obtenha material minucioso e profundo sobre uma questão de estudo, em particular sobre aspectos que não são capturados pela observação direta do fenômeno (LEITÃO, 2009).

Um importante aspecto a ser destacado quando da coleta de dados das entrevistas é que, de um modo geral, na visão dos entrevistados, “política e

¹ O roteiro das entrevistas com membros da Resistência Caipira encontra-se no Apêndice A deste trabalho.

² O roteiro da entrevista com o presidente do Botafogo encontra-se no Apêndice B deste trabalho.

futebol conversam sim”. Essa afirmação é baseada no fato de que as raízes deste esporte são mais profundas do que aparentam e por conta disso, o futebol se entrelaça com outras grandes questões da sociedade brasileira, como a política (MAGRI et al, 2021). Segundo o professor de Ciências Sociais, especializado em futebol, Bernardo Borges Buarque de Holanda, não é possível pensar o futebol e a sociedade como polos distantes:

Na verdade, o que nós temos é uma interpenetração dessas duas coisas. O futebol espelha a sociedade ao mesmo tempo que ele é constitutivo dela. A gente consegue entender essa força do futebol pela forma com que ele se enraíza na sociedade (MAGRI et al, 2021).

Após as transcrições, foi feita a análise de conteúdo das entrevistas, por meio da categorização temática. Ao longo da dissertação, os torcedores entrevistados foram anonimizados, sendo referenciados como “torcedor 1”, “torcedor 2”, “torcedor 3” e “torcedor 4”. No caso do presidente do Botafogo/SP, como se trata de figura pública, não foi realizada a anonimização.

Adicionalmente, foi realizada a observação em uma partida de futebol do Botafogo, em Ribeirão Preto, junto à torcida Resistência Caipira. Segundo Neto (2002), a observação *in loco* é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano. A incursão em campo foi realizada em 12 de novembro de 2024, na Arena NicNet, em Ribeirão Preto, quando da realização da partida entre o Botafogo/SP e o Ceará Sporting Club, válida pela 36ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B. O objetivo foi acompanhar a Resistência Caipira “em ação”, coletando mais informações e percepções a respeito da atuação da torcida no estádio, incluindo a relação de seus integrantes com outros torcedores, com as forças policiais, entre outros aspectos.

A dissertação está dividida nos seguintes tópicos. No Capítulo 1, é situada a literatura que tem analisado as relações entre futebol, sociologia e política – e especificamente, a atuação de torcidas organizadas no futebol. No Capítulo 2, é descrito o contexto da cidade de Ribeirão Preto, bem como são sintetizadas as características históricas e atuais do clube Botafogo/SP. O Capítulo 3 aborda a atuação da Resistência Caipira, considerando seu histórico, as causas defendidas, os processos organizativos e as relações com o clube e as demais torcidas. O Capítulo 4 analisa a atuação da Resistência Caipira no estádio, a

partir da observação *in loco* realizada. As considerações finais sintetizam os principais resultados do estudo.

1. ENTRE O TORCER E A AÇÃO POLÍTICA

1.1 Futebol, sociologia e política

No Brasil, somente nos anos 1980, o futebol foi estudado de forma mais meticulosa e sistematizada no contexto das Ciências Humanas e Sociais (LOVISOLO, 2011). Segundo Soares e Zago (2018, p. 6), “o futebol como agente social, em vez de um elemento à parte das problemáticas da sociedade, é algo que já havia sido estudado por sociólogos como Roberto DaMatta, já na década de 1980”. DaMatta contesta a interpretação do futebol “como uma atividade marginal, ou seja, sem relevância em comparação com o trabalho que ‘de fato constrói a sociedade’” (SOARES; ZAGO, 2018, p. 6).

[...] por contraste com o trabalho e o poder as esferas do esporte, da arte e da religião, localizam-se dentro da sociedade e estão associadas a valores como o amor, a devoção e o divertimento (ou lazer). Se o trabalho e a guerra nos situam diante dos nossos limites [...], a arte, o esporte e a religião são classificados como atividades inconsequentes ou marginais. Atividades que fazem parte desta bateria de instrumentos destinados a nos mistificar e desviar das realidades absolutas e inevitáveis do trabalho e da luta pela sobrevivência (DAMATTA, 1982).

Nesse sentido, “DaMatta propõe repensar esta lógica tentando trazer elementos a se avaliar, para colocar o futebol como uma atividade inclusa à sociedade” (SOARES; ZAGO, 2018, p. 6).

[...] Quais os ambientes, vestimentas, objetos, regras, relações sociais e valores que o esporte nos permite conceber e vivenciar? Que tipo, enfim, de roupagem é essa que a sociedade veste quando se manifesta totalizada por meio de sua dimensão esportiva? Essas são algumas das questões que devemos responder quando pensamos no futebol no Brasil e no esporte em geral, como uma atividade da sociedade e não como uma atividade em oposição ou competição com a sociedade. (DAMATTA, 1982).

Há atualmente, uma considerável produção literária sobre futebol, nas Ciências Sociais, em decorrência de um processo de expansão dos estudos nas últimas décadas, seja no âmbito dos jogadores, da imprensa e meios de comunicação, da gestão, da identidade nacional ou das torcidas. Desde o final do século XX, importantes obras vêm sendo produzidas pelas ciências humanas,

de modo que a histografia do futebol se constituiu como uma área de conhecimento fértil para a compreensão dos fenômenos sociais. Nota-se, assim, que este campo do conhecimento se solidificou ao estabelecer uma multiplicidade de caminhos investigativos para a compreensão das relações sociais no/do/por meio do futebol.

No Brasil, em 1990, houve a criação, pelo sociólogo Mauricio Murad, do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, agregando pesquisadores da área (BEZERRA; MEZZOMO, 2023). Nessa mesma época, consolidou-se um campo de pesquisas sobre as torcidas organizadas de futebol, com o objetivo de conhecer seus rituais, identidades, memórias, relações com o espaço urbano e envolvimento com a violência (LOPES, 2019).

Mesmo que não se tenha consciência plena do fato,

a política e o futebol já se interligaram muitas vezes ao longo da história, seja por conta de jogos importantes que aconteceram em momentos políticos críticos ou por atletas que usaram do espaço que tinham na mídia, para se tornarem formadores de opinião (MORAIS, 2021).

O Santos Futebol Clube, por exemplo, na época de Pelé,

desembarcou na Nigéria no mês de janeiro de 1969, em meio a uma guerra civil. O conflito, também conhecido como Guerra de Biafra, foi iniciado em 1967 e tinha como objetivo a separação da porção sudeste do território nigeriano, para a fundação da República de Biafra. Esse país, a República de Biafra, chegou a existir por 31 meses, mas em 1970 acabou sendo derrotado de vez e anexado novamente à Nigéria (MORAIS, 2021).

Comentava-se, à época, que

o violento conflito havia sido suspenso momentaneamente para que o time de Pelé jogasse na cidade de Benin, fortemente afetada pela guerra civil. A chegada do time santista teria sido tão importante que o governador da região – o tenente coronel Samuel Ogbemudia – até decretara feriado no período da tarde, além de autorizar a liberação da ponte que ligava as cidades de Benin e Sapele, ambas muito afetadas pelo conflito, para que todos pudessem assistir ao jogo (MORAIS, 2021).

Apesar da existência de diferentes versões sobre essa situação, tendo ocorrido ou não a paralisação do conflito, nas duas hipóteses se demonstra a

relação entre futebol e política. No período da ditadura, muitas figuras importantes do futebol foram publicamente contra o regime. Um nome que se destacou à época foi o de João Saldanha, que muitos consideram até hoje o responsável por montar o time da Copa de 1970, tida como a melhor seleção brasileira da história.

Nas palavras de Helal Filho (2021):

Em fevereiro de 1969, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) causara surpresa ao anunciar João Saldanha para conduzir a seleção brasileira nas eliminatórias da Copa que seria disputada no ano seguinte, no México. Além de ser um comentarista esportivo sem “papas na língua” à frente da seleção, o cronista gaúcho havia sido militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), perseguido pela ditadura militar vigente na época. “No Brasil, é preciso coragem, muita coragem, para escolher o homem certo”, elogiou o jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues (1912-1980) em sua coluna no jornal O GLOBO. E completou: “A partir do momento em que escolheu João Saldanha, Havelange descobriu, ao mesmo tempo, o caminho da vitória.

Segundo Gallas (2021):

Com alta popularidade, Saldanha falou abertamente sobre a prisão, tortura e morte de ativistas de oposição ao governo brasileiro, em uma entrevista que concedeu a jornais franceses durante sua visita ao México, no começo de 1970, quando foi participar do sorteio dos grupos e conhecer as instalações da Copa daquele ano. Saldanha afirmou que no Brasil havia cerca de 3 mil presos políticos, 300 torturados e “não sei quantos mortos” pelo regime militar, e suas declarações foram publicadas no jornal Le Monde. À época, a imprensa brasileira vivia sob intensa censura prévia, e esse assunto não era noticiado no Brasil.

Apesar do sucesso como treinador, Saldanha, que era membro do Partido Comunista Brasileiro, foi demitido ainda em 1970 sem muitas explicações. Há indícios de que a demissão foi relacionada com os inúmeros embates entre Saldanha e os militares da época. Outro episódio de confronto entre atores esportivos e a Ditadura Militar ocorreu com o atacante Reinaldo, um dos maiores ídolos do Clube Atlético Mineiro. Nas palavras de Silva (2021, p. 14):

A Copa do Mundo de 1978, disputada na Argentina, foi o palco perfeito para que Reinaldo pudesse mostrar ao mundo sua oposição ao governo. Em um período em que as ditaduras estavam presentes em vários países da América Latina, inclusive no próprio país-sede do Mundial, acometido por um golpe em 1976, o atacante se utilizou de um gesto simples para “bater de frente” contra os militares e “gritar” pela democracia e pela liberdade.

O ápice deste embate entre Reinaldo e a Ditadura Militar aconteceu na partida contra a Suécia, válida pela primeira fase da competição. Tomando um gol no começo do jogo, o Brasil virou a peleja com dois gols do atacante, que se inspirou no gesto de dois atletas negros americanos nas Olimpíadas de 1968.

Esse gesto foi entendido como confronto aos generais da época da ditadura e repercutiu não apenas no Brasil, mas na América Latina em geral, já que praticamente toda a região era dominada por ditaduras, especialmente na Argentina, país que sediava a competição.

Figura 2: Reinaldo com o punho cerrado



Fonte: Clube Atlético Mineiro / Divulgação

Vale ressaltar que a relação entre a Seleção Brasileira e os generais foi bastante íntima durante o período do Regime, com muitas interferências dos militares no comando da Confederação Brasileira de Desportos, atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), assim como nas questões que envolviam a parte do campo, como na convocação de jogadores e mudanças no comando técnico.

Outro atleta do futebol que se destacou por seu engajamento político foi Sócrates, também conhecido como “Dr. Sócrates”. “Nascido em Belém, mas radicado em Ribeirão Preto” (Silva, 2021, p. 15), Sócrates iniciou sua carreira no Botafogo de Ribeirão Preto e rapidamente chamou a atenção de grandes clubes,

sendo contratado pelo Corinthians em 1980. De acordo com Soares e Zago (2019, p. 3):

Uma das principais marcas da militância de Sócrates foi a luta pelo Brasil democrático. No auge da sua juventude – anos 70 e 80 – o Brasil estava dominado pela ditadura civil-militar e Sócrates em seus ambientes micro políticos mostrava não concordar com uma organização social ditatorial. Um exemplo disso é a Democracia Corinthiana. Fundada em 1981 esse movimento trouxe à tona o clamor popular pela volta da democracia. Nessa democracia proposta no Corinthians existia uma equidade nas escolhas por voto direto: tanto os jogadores, comissão técnica, dirigentes e demais funcionários tinham o mesmo peso (um voto) nas decisões estruturais do clube como contratação de jogadores, decisão se haveria ou não concentração antes dos jogos etc.

Ainda de acordo com os autores (SOARES; ZAGO, 2019, p. 3):

Esse movimento não se limitou apenas a reestruturar o Corinthians, mas também buscou, a sua maneira, ser partidário da retomada democrática no Brasil. Nas camisetas do time tinham estampadas campanhas como “Democracia Corinthiana” [...] – o que na época foi mais relevante do que apenas apresentar o nome do movimento dentro do Corinthians vista a conjuntura de opressão ao discurso democrático na época –, e “Dia 15 vote”. Também foi marcante uma faixa escrita “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia” [...] que os jogadores levaram para dentro de campo durante a campanha das “Diretas Já” que reivindicou o voto direto para presidente da república.

Figura 3: Democracia Corinthiana



Fonte: Reprodução GE.

Figura 4: Dia 15, VOTE



Fonte: meutimao.com.br

Figura 5: Ganhar ou perder, mas sempre com democracia



Fonte: ocuriosodofutebol.com.br/2015/09/Corinthians-e-sua-camisa-dia-15-vote.html

Soares e Zago (2019, p. 6) entendem que “Sócrates pode ser considerado uma conexão importante nas diferentes redes de comunicação (CASTELLS, 2013)”, visto que várias torcidas uniformizadas utilizam, de alguma forma, a figura e o legado de Sócrates para disseminar ideias. No presente estudo, a história de Sócrates tem especial relevância, dada sua ligação com o clube Botafogo de Ribeirão Preto, como se verá adiante.

1.2 Torcidas organizadas e as quatro ondas

Uma boa forma de descrever a história das torcidas no Brasil é associá-la ao movimento das ondas do mar. A literatura tem identificado, de modo geral, quatro ondas, que vão desde o surgimento das chamadas “torcidas voluntárias” até a configuração das autodenominadas “torcidas antifascistas”. Essas ondas não representam processos lineares de transformação, mas sim são formas de sintetizar características predominantes nas torcidas em determinados períodos históricos (PINHEIRO, 2021). Essas ondas são a seguir descritas. Correia Sobrinho (1997) dizia que “manifestações torcedoras sempre se fizeram presentes em partidas de futebol”. A primeira forma dessa manifestação, por exemplo, foi denominada, por alguns pesquisadores, de “torcidas voluntárias”, que surgiram na década de 1940, num momento em que o futebol já era uma paixão nacional, massificada pelo rádio. Essas torcidas, no início da história do futebol brasileiro, se reuniam exclusivamente em consequência dos jogos e tinham como elemento unificado a paixão ou a simpatia que nutriam por um clube (CORREIA SOBRINHO, 1997). Nesse momento, os laços de identidade e de solidariedade ficariam restritos ao espaço de duração dos jogos, podendo ser revividos em momentos do cotidiano desses torcedores, como em bares e rodas de amigos.

Foram então surgindo as primeiras torcidas que inicialmente foram denominadas torcidas uniformizadas. Segundo Cavalcanti, Souza e Capraro (2013, p. 42),

esses grupamentos iniciais tinham interesses totalmente diversos aos atuais objetivos das torcidas organizadas contemporâneas, pois compareciam aos estádios, tudo leva a crer, com o objetivo principal de apoiar o clube, promover cânticos de incentivo e organizar a festa em torno do futebol.

Afirmam ainda que:

...as torcidas uniformizadas, tal como surgiram nos anos 1940, não apresentavam maiores relações com a violência no futebol. Some-se a esse prognóstico o fato de não haver também manifestações incisivamente contrárias aos clubes, sobre qualquer ponto de vista, fosse este positivo ou negativo. Além do mais, não existiam atividades extra-partidas, como ocorre com as atuais torcidas organizadas. Dito de outro modo, a relação que se estabelecia era única e exclusiva durante o período dos jogos, sem organização de festas ou eventos paralelos, como acontece atualmente (CAVALCANTI; SOUZA; CAPRARO, 2013, p. 42-43).

A primeira torcida de quem se tem conhecimento é a do São Paulo em 1940. No Rio de Janeiro, esse tipo de torcida remonta à criação da charanga musical do Flamengo em 1942 (CAVALCANTI; SOUZA; CAPRARO, 2013).

Figura 6: Torcida Uniformizada do Flamengo (Charanga).



Fonte: Divulgação: Jornal Folha de São Paulo.

A segunda onda está associada ao surgimento das chamadas “torcidas jovens”. Esse período é marcado por um processo de organização das torcidas. De acordo com Pinheiro (2021, p. 353),

O movimento da segunda onda se consolidou nos anos 1980 com a multiplicação de torcidas organizadas jovens, que se estruturavam muito além do espaço-tempo do jogo a partir das estratégias coletivas tomadas por suas diretorias, com cargos e funções específicas na torcida. Essas instituições expressavam uma disputa pela liderança das torcidas ainda no final da década de 1970, em que jovens se articulavam coletivamente no futebol. Assim, as torcidas organizadas mobilizaram multidões nos estádios ao promover espetáculos na arquibancada.

Elas surgem em um momento de redefinição política e social. O Brasil, à época, estava passando por um regime ditatorial, fazendo com que jovens passassem a se organizar, almejando um país com liberdade de expressão, igualdade e democracia, não sendo apenas incentivadores de seus clubes nas arquibancadas (PINHEIRO, 2021). As torcidas organizadas também defendiam esses interesses da população e lutaram a fim de que o regime militar da época acabasse e a sociedade pudesse ter o direito ao voto (PINHEIRO, 2021).

Segundo Cavalcanti, Souza e Capraro (2013, p. 43):

“Diferente das torcidas uniformizadas, as TOs passaram a se reconhecerem como força independente em relação aos clubes (Toro, 2004). A estrutura dessas agremiações se modificou, quando ganharam uma diretoria específica, tendo como figura principal um presidente, retirando a figura do chefe ou “torcedor-símbolo” (Hansen, 2007: 2).
[...]

O crescimento dessas agremiações aconteceu rapidamente, chamando a atenção da mídia esportiva especializada (Helal; Gordon Júnior, 2002). Os torcedores organizados passaram, além disso, a serem reconhecidos como uma nova classe torcedora, responsáveis pelo espetáculo das arquibancadas, sendo por diversas vezes citadas nos veículos de comunicação (Toro, 2004: 7-38).

Figura 7: Torcidas Organizadas dos 4 maiores clubes do estado do RJ



Fonte: <https://www.tupi.fm/esportes/torcidas-organizadas-do-rj-dao-mais-um-passo-para-retorno-aos-estadios/>

Não existe um perfil característico dos integrantes de torcidas organizadas, com indivíduos de todas as classes sociais, raças e gêneros integrando esses grupos. O diferencial desse torcedor organizado para os demais torcedores é que ele não faz apenas parte de um espetáculo que acontece no campo de jogo, mas sim se torna o próprio espetáculo (BISCOUTO et al., 2021, p. 578).

Ademais, a torcida “representa um sentimento de pertencimento social” (BISCOUTO et al., 2021, p. 578), dado que nela os torcedores expressam solidariedade, formas de ser (por exemplo, masculinidade) e companheirismo. Segundo Gastaldo (2003), esse pertencimento envolve particularidades, como a lealdade ao clube e à torcida, e um “pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado, no caso, mediado pelo ‘time do coração’”. Essa interação social constitui um “universo simbólico específico” (BISCOUTO et al., 2021, p. 578), no qual questões sociais, profissionais, entre outras, são deixadas de lado, para que o foco sejam os laços futebolísticos.

Outra faceta desse processo, aparentemente contraditória, é a ocorrência de casos de violência e brigas generalizadas entre torcedores organizados, o que faz com eles adquiram um papel de “vilões” no cenário do futebol (BISCOUTO et al., 2021, p. 581).

O embrião dessa terceira onda surgiu ainda no auge da ditadura militar quando, em 1967, uma faixa onde se lia “Poder Jovem”, era mostrada em pleno

estádio do Maracanã. Era a Torcida Jovem do Flamengo, conhecida pela sigla TJF e que teve seu nome inspirado no movimento negro americano *Black Power*. O intuito era participar mais ativamente da política do clube, ir além do incentivo aos jogadores, questionar dirigentes, aproximar a arquibancada do eixo das decisões, então restritas aos “cartolas” (PINHEIRO, 2021).

Essas torcidas se apresentavam de forma mais midiáticas e “espetacularizadas”, ganhando muita notoriedade na mídia e crescendo de maneira exponencial. Nessa onda, os conflitos passaram a ser frequentes entre torcedores do próprio time e estenderam-se para a rivalidade com as torcidas de outros times (PINHEIRO, 2021).

Figura 8: Força Jovem do Vasco.



Fonte: Divulgação Força Jovem do Vasco.

A terceira onda está ligada à emergência de formas de torcer inovadoras que se distanciam dos formatos predominantes nas torcidas organizadas da segunda onda e que apresentam uma crítica à atuação violenta. A terceira onda envolve, nesse sentido, formas como as “barras bravas” e movimentos culturais ligados a questões territoriais. Nos dizeres de Pinheiro (2021, p. 354),

...as formas coletivas de torcer que insurgem como contraponto às torcidas organizadas ou como rachaduras no interior destas que, em outras regiões do Brasil, formaram-se desde os anos 1960 e, em particular no Estado do Ceará, nos anos 1980. No movimento de terceira onda, os novos agrupamentos torcedores ora se distanciam ora se aproximam das torcidas organizadas, mas se erguem sob

influências diversas: seja das barras bravas argentinas (casos da Geral do Grêmio, Guarda Popular do Internacional, Loucos pelo Botafogo, Bravo 52 do Fluminense, Bravo 18 do Fortaleza), seja elencando a violência como o elemento rechaçado, seja sob a forma de um movimento cultural (como Cangaceiros Alvinegros e Setor Alvinegro do Ceará). Cada um destes aspectos, a depender da localidade, motivou a inauguração de novas formações coletivas do torcer.

De acordo com Pinheiro (2021, p. 354),

Tratava-se de uma alternativa em que a solução seria romper, mesmo que parcialmente, com as torcidas organizadas, e fundar outros grupos coletivos do torcer que se caracterizassem pela crítica à violência e, simultaneamente, instituíssem novas práticas que variavam da estética à performance. Não há dúvidas de que esse processo adquiriu particularidades em cada região do Brasil, no qual diversos elementos compõem o quadro geral dessas transformações.

A quarta onda está associada à emergência das torcidas autodenominadas antifascistas. Segundo Biscouto e colegas (2021, p. 581), a quarta onda é caracterizada pela

busca de alianças como estratégia de resistência, e por buscar novas formas de gerar recursos financeiros, para atender às novas demandas. A fama violenta das torcidas repercutia e isso forçou as torcidas a criarem novas estratégias como buscar parceiros em TOs de outras cidades: “Ao receber um grupo de outra cidade, no aeroporto ou na rodoviária, a torcida ‘nativa’ possibilitava aos ‘estrangeiros’ uma relação de confiança e companheirismo, possivelmente retribuída quando os papéis fossem invertidos”. (SOUZA, 2020, p. 210). Outra marca desta geração é o sistema de controle dos associados e o crescimento numérico de mulheres. Nos maiores grupos organizados, é possível encontrar uma diversidade grande de produtos da torcida direcionado às mulheres. Os laços criados entre torcidas de diferentes cidades, as redes sociais e lojas virtuais, colaboram em muito para a arrecadação financeira e o crescimento destes grupos são as características atuais das TOs. (SOUZA, 2020).

Nesse prosseguimento, a quarta onda emerge enquanto uma crítica mais radical às torcidas organizadas, que tem origem em um processo de politização exterior ao futebol, sob o viés da esquerda política, que constituiu uma rede de torcidas antifascistas (PINHEIRO, 2021). Esse novo modelo coletivo do “torcer” combate não só a violência nos estádios, mas também o fascismo, o machismo, o racismo, a homofobia, a xenofobia e a modernização do futebol, temas que envolvem os torcedores que assumem posturas de defesa dos direitos humanos (PINHEIRO, 2021). Essas torcidas, que poucas semelhanças possuem com as

torcidas organizadas tradicionais, podem ser conceituadas como grupos de torcedores que, para além da convergência na escolha de um clube para o qual torcer, também partilham de ideologias políticas progressistas e agem de maneira organizada contra partidos e candidatos considerados de direita (BORBA, 2020).

Uma das mais notáveis características identitárias que as organizadas oficiais dos clubes representam é a rivalidade e a rispidez ao adversário. Para colocar o rival como inferior, são desferidas ofensas machistas, homofóbicas, racistas e outros tipos de desqualificações discriminatórias (SOARES, 2018). Posicionando-se contra essa forma de se torcer, surgiram as torcidas organizadas antifascistas, com atitudes e ideais diferentes dos vistos tradicionalmente nas arquibancadas. É possível ver essas diferenças no modo em que essas torcidas se comunicam nas redes sociais (SOARES, 2018).

O Facebook, por exemplo, é um meio de comunicação em potencial para que quaisquer pessoas disseminem suas notícias, opiniões e ideologias, sendo as chamadas *fanpages* espaços voltados para publicações com vieses mais coletivos do que propriamente eventos pessoais. Essa rede social já foi motriz para diversos processos políticos que envolveram países inteiros e são exemplos disso a Primavera Árabe, que começou em 2010, e no Brasil o ciclo de protestos de 2013 (CASTELLS, 2017). No Brasil, as redes sociais mais usadas em 2023 foram o WhatsApp com 142,2 milhões de contas, Youtube (142 milhões), Instagram (113,5 milhões), Facebook (109,1 milhões) e TikTok (82,2 milhões), seguindo-se ainda do Facebook Messenger, Twitter, Pinterest, LinkedIn e Snapchat (SOUZA, 2023). As torcidas organizadas antifascistas se utilizaram das plataformas para promover seus ideais em textos, notícias e autopromoção com o intuito de mostrar que eles podem ser uma alternativa de combate ao reacionarismo nos esportes de um modo geral (SOARES e ZAGO, 2018).

Existem clubes ao redor do mundo que têm sua história fortemente ligada a questões políticas e ideológicas, o que, naturalmente, afeta os simpatizantes de tais times (SOARES e ZAGO, 2018). Duas equipes exemplos disto, citadas em várias oportunidades pelas organizadas antifascistas, são o St. Pauli, da Alemanha, e o Livorno, da Itália. No caso do time alemão há no próprio estatuto do clube, desde os anos de 1980, ordens antifascistas, antirracistas e

antissexistas (SOARES e ZAGO, 2018). Além disso, o time também organiza nas suas dependências recepções a refugiados. O St. Pauli é o clube com maior torcida feminina da Alemanha. Mesmo sendo um clube modesto em comparação aos maiores clubes alemães, apoia um time de futebol amador formado apenas por refugiados, chamado FC Lampedusa, cedendo material esportivo e espaço das dependências do clube para treinamento dos jogadores. Já o Livorno é um clube italiano, nascido na cidade onde surgiu o Partido Comunista Italiano, que se notabiliza por ter uma torcida fanática, assumidamente comunista e que repudia qualquer tipo de preconceito contra minorias (SOARES; ZAGO, 2018).

A emergência das torcidas antifascistas no Brasil está associada a dois fatores. O primeiro diz respeito à própria conjuntura política vigente. Isto é, diante de alguns contextos políticos, as antifas se destacam quando respondem a alguns acontecimentos mais pontuais neste cenário (BORBA, BORGES, 2020). Por exemplo, é possível discutir sua atividade política a partir de episódios, como o ciclo de protestos de 2013, as eleições de 2018 e na oposição ao governo Bolsonaro (BORBA, BORGES, 2020).

O segundo fator determinante para se discutir a ascensão dos coletivos de torcedores antifascistas está dentro dos marcos futebolísticos (BORBA, BORGES, 2020). Ou seja, são elementos internos à lógica do futebol, como a arenização e a elitização. Primeiramente, parte-se da ideia de que este ambiente esportivo manteve certa constância comportamental. Nesta linha de pensamento, mesmo que o interior das arquibancadas apresente uma pluralidade de membros e grupos a ser considerada, a normatividade torcedora é menos ampla. Sendo assim, visto que por muito tempo o futebol brasileiro propiciou e repousou sobre uma arena excludente, que também atingiu a classe torcedora (FILHO, 2003), pode-se dizer que a presença das torcidas antifascistas neste cenário configura, de certo modo, uma busca por ruptura. Em especial, a arenização e a elitização do futebol, que se referem a fenômenos como o aumento do valor de ingressos e a transformação dos clubes e empresas, têm se intensificado no Brasil nos últimos anos e têm sido criticadas por torcidas da quarta onda.

A recente profusão das torcidas antifascistas se insere em um quadro histórico, em que diferentes modelos coletivos do torcer se articularam e se expressaram em cada contexto, desde a primeira metade do século XX

(PINHEIRO, 2021). A politização do torcer, sob o ponto de vista da esquerda, consiste em um fio condutor da trajetória da Ultras Resistência Coral (URC), torcida do Ferroviário Atlético Clube da cidade de Fortaleza (CE), considerada a primeira torcida antifascista do Brasil, embora outros agrupamentos tenham pautado anteriormente alguns dos elementos apresentados por esse coletivo (BORBA, BORGES, 2020).

De acordo com Pinheiro (2021, p. 15),

Criada em 2005, os componentes da URC propuseram instituir um modelo de torcida diferente das instituições de torcidas organizadas hegemônicas, que se caracterizavam tanto pela sólida estrutura e profissionalização de suas atividades, como pela sociabilidade conflitiva com torcedores rivais (PINHEIRO, 2021). Desse modo, o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 representou um colapsamento parcial das tradicionais torcidas organizadas, tendo em vista a explosão das rivalidades, dos conflitos e da violência, cujas marcas podiam ser apreendidas no cotidiano urbano e bairros de diferentes cidades.

Pinheiro (2021, p. 18) entende que a Ultras Resistência Coral “precipitou o movimento da quarta onda da história dos modelos coletivos do torcer”. Ao longo do tempo houve alterações estruturais na forma e no “*modus operandi*” de atuar da URC, podendo ser identificadas três gerações de torcedores nessas quase duas décadas de existência. De acordo com Pinheiro (2021, p. 18):

Na primeira geração, seus integrantes consistiam basicamente no núcleo fundador, a saber, aqueles que partilhavam a subcultura skinhead e a militância no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). A segunda geração se caracteriza pela abertura a integrantes que simpatizaram com as ideias e as bandeiras defendidas pela URC. Dessa forma, vários membros tornaram-se integrantes orgânicos da torcida, especialmente sujeitos que militavam em partidos de esquerda para além do PSTU; a URC se consolidou enquanto uma Frente Ampla de Esquerda nos estádios, agregando socialistas, anarquistas e simpatizantes. Diante disso, a terceira geração se estruturou recentemente, após Jornadas de Junho de 2013, cuja multiplicação das torcidas antifascistas no Brasil possibilitou estender o diálogo entre a rede de associações torcedoras antifas, não só no Brasil, mas em uma dimensão transnacional.

Figura 9: Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes.



Fonte: PINHEIRO, 2021, p. 19.

O caso da URC é um exemplo do processo de invenção de um “novo modelo coletivo do torcer” (PINHEIRO, 2021, p. 21). Nesse processo, temas que ultrapassam a esfera do jogo, como a homofobia, o racismo e o machismo, são abordados dentro e fora dos estádios. De acordo com Pinheiro (2021, p. 28):

A multiplicação das torcidas/coletivos antifascistas na segunda década do século XXI, apesar de ser um fenômeno recente e que se encontra em aberto, consiste em uma das possibilidades de redimensionamento sobre o modo como foram elaboradas as relações de poder no futebol. Assim, a resignificação de classe, gênero e raça no futebol, por meio das torcidas antifa, projeta novas maneiras de engajamento dos torcedores.

Ademais, a emergência de torcidas antifascistas permitiu a constituição de uma rede de coletivos transnacionais, que se articulam para repensar o futebol a partir do combate ao “futebol moderno” e da proposição de pautas ligadas à defesa de minorias sociais (PINHEIRO, 2021).

Entretanto, o próprio caso da existência da Ultras Resistência Coral merece uma reflexão, pois a URC, quando de sua criação, não tinha este viés antifascista, no sentido de tipificação de torcida. No ano de sua fundação, o Brasil era presidido por um governo petista, ou seja, tendencialmente alinhado com os princípios e ideologia dos integrantes da torcida Ultras Resistência Coral. Neste sentido, a concepção tinha muito mais o surgimento para defesa de pautas progressistas do que “um grito” de insurgência ou de libertação, conforme pode ser observado quando do início do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Figura 10: Algumas Torcidas Antifascistas



Fonte: Divulgação causaoperaria.org.br.

As torcidas organizadas antifascistas, de um modo geral, caracterizam-se por terem em seus quadros torcedores, em sua maioria de esquerda, das mais diversas ideologias existentes neste campo político, com uma visão progressista, que lutam no combate às desigualdades de raça, de gênero, de sexualidade e que se expressam em defesa da democracia. Uma imagem que une essas torcidas pode ser simbolizada pelo gesto popular e característico do ex-jogador Sócrates, que é uma referência para as torcidas organizadas antifascistas, pelo seu caráter de luta e enfrentamento em busca da democracia e em defesa de direitos sociais em tempos de ditadura militar no Brasil.

A luta dessas torcidas também se destaca na defesa de um futebol em prol do povo, das camadas mais populares, e em favor dos excluídos pela sociedade, em uma oposição ao processo de elitização e arenização dos estádios brasileiros, que vem há muitos anos acontecendo no país. Tal movimento pode ser visto claramente quando da vinda de grandes eventos para

o Brasil, desde o Panamericano, passando pela Copa do Mundo, e posteriormente quando do advento das Olimpíadas. Em um primeiro momento, em que os estádios foram padronizados em prol de encargos, e de manuais que seguiam padrões internacionais questionáveis, como o tema da regulação de mercado e de simetria e ajuste entre receita e despesa para os clubes de futebol brasileiros, já estava em andamento o processo de elitização e de arenização nos estádios no Brasil.

Nos anos de 2020 e 2021, em que muitas torcidas organizadas antifascistas foram criadas, muitas ações e atos dessas torcidas foram praticados em um âmbito fora do campo de futebol, em uma oposição ao governo, à época, do ex-presidente Bolsonaro. As ações, mobilizadas por meio de redes sociais e nas ruas, em tempo de isolamento social e no auge da pandemia, foram intensas no combate à política do governo anterior ao enfrentamento da pandemia da COVID-19.

E, diante de um conceito, em que torcedores agem coletivamente, construindo organizações e redes de forma a coordenar uma ação conjunta, defendendo causas diversas, relacionadas a temas como as desigualdades de classe, raça, gênero e sexualidade no futebol, bem como causas que transcendem o mundo do futebol, como a defesa da democracia, notadamente verifica-se evidência de uma configuração de ativismo, com a formação de “torcidas ativistas” (OLIVEIRA, PEREIRA, FERNANDES, 2024). Segundo Oliveira, Pereira e Fernandes (2024), o futebol é um campo marcado por litígios diversos, e as “torcidas ativistas” têm tido uma posição coletiva na defesa de diferentes causas conflituosas.

2. A CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO E O BOTAFOGO/SP.

2.1. A cidade de Ribeirão Preto

A cidade de Ribeirão Preto, localizada na região nordeste do estado de São Paulo, fica distante cerca de 310 quilômetros da capital paulista e tem uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2024 de 728.400 habitantes.

A história de Ribeirão Preto foi construída com base na agricultura. O primeiro produto cultivado na terra roxa e que fez da cidade uma “capital do mundo” foi o café. Tudo começou com os mineiros, desbravadores dessa região e que praticavam uma agricultura de subsistência, por volta de 1811. Depois, já estabelecidos como fazendeiros, eles foram os doadores das terras para a criação do patrimônio de São Sebastião com a finalidade de manter uma capela em honra do santo e, assim, cumprir as exigências da Lei da Terra para legalizar suas propriedades.

A história de Ribeirão Preto, em 1845, conta que foi feita a primeira de muitas doações. Em 19 de junho de 1856 foram lavradas as escrituras e demarcado o patrimônio da Igreja. A data é considerada como a da fundação do município, segundo a Lei Municipal 386, de 24 de dezembro de 1954. O nome Ribeirão Preto veio do córrego que atravessava o então povoado, chamado de Preto. São Sebastião, o santo venerado pelos primeiros habitantes, tornou-se padroeiro do município.

A produção de café foi a primeira atividade agrícola intensiva de Ribeirão Preto, introduzida por famílias de fazendeiros que vieram de outras regiões. Ribeirão Preto era uma nova e potencial frente agrícola com terra de qualidade e clima apropriado. As lavouras começaram a ser plantadas em 1870. Em 1900, o café produzido no município era conhecido principalmente na Europa. A espécie predominante foi o *bourbon*.

A cafeicultura foi responsável pelo grande desenvolvimento experimentado pela cidade, se que tornou a “Capital Mundial do Café”. A demanda por mão de obra fez de Ribeirão Preto o destino de imigrantes italianos, japoneses, alemães, entre outros. Também motivou a vinda da Estação

Companhia Mogiana de Estrada de Ferro, em 1883, para transportar imigrantes desde o litoral e, na volta, escoar a produção agrícola.

O café impulsionou o progresso econômico da cidade, que viveu anos de glória. Porém, a crise econômica mundial de 1929 encerrou a fase próspera do café na região. Outro ciclo econômico surgiu. As terras foram ocupadas com outras culturas, como o algodão e frutas, e aos poucos, a cana-de-açúcar foi reintroduzida.

A água foi o ingrediente principal do produto que iria projetar Ribeirão Preto novamente no cenário nacional. Antes da crise do café, a cidade já começara a se industrializar. Em 1910, é instalada a Companhia Cervejaria Paulista. A fábrica também inaugurou a Choperia Pinguim, frequentada pela elite do café e que continua uma atração para os visitantes até os dias de hoje.

O *chopp* da cidade ficou famoso na história de Ribeirão Preto por utilizar a pura água do Aquífero Guarani. Atualmente, as cervejarias artesanais, que surgiram nos últimos anos após o fechamento da fábrica, também utilizam a puríssima água do manancial subterrâneo que abastece a cidade, conferindo qualidade ao produto e mantendo a tradição cervejeira na cidade.

Figura 11: Choperia Pinguim



Fonte: Arquivo Divulgação

O declínio do café permitiu o plantio de outras culturas, em especial da cana-de-açúcar, que retomava o seu posto de líder na agricultura nacional. Na região de Ribeirão Preto, os imigrantes compravam as terras do café e tornavam-se os novos grandes proprietários. Na década de 1940, essa já era a principal cultura em alguns municípios da região, como Sertãozinho. Após 1960, a região era um “mar de cana” e transformada na maior produtora mundial de cana-de-açúcar.

Mudanças nos relacionamentos comerciais entre vários países beneficiaram o Brasil, que passou a incentivar o setor visando o mercado externo. Foi criado o Pró Álcool – Programa Nacional do Álcool (que durou de 1975 a 1989), que incentivou o uso do álcool anidro como aditivo à gasolina. Surgiram destilarias e usinas para o beneficiamento da cana, e o setor se capitalizou. Atualmente, existem 58 usinas produtoras de açúcar e álcool na região, que vendem para o mercado interno e externo.

A história de Ribeirão Preto mostra que a liderança reconquistada com a ascensão do açúcar e do álcool no mercado mundial a levou a experimentar o crescimento em outros setores da economia. As receitas do agronegócio convergiram para as cidades da região, em especial para Ribeirão Preto, promovendo prosperidade. Ribeirão desenvolveu drasticamente o comércio e a prestação de serviços tornando-se um centro de atração na região.

A denominação “Califórnia Brasileira” à região surgiu na década de 80, no relato de um jornalista do Jornal do Brasil, Ricardo Kotscho, enviado para uma reportagem especial sobre os efeitos da indústria do açúcar e do álcool na vida econômica dessas cidades. A região estava se transformando no maior centro produtor do desses bens mundo, com mudanças marcantes na paisagem rural e urbana de Ribeirão Preto e suas vizinhas.

Figura 12: Ribeirão Preto noturno

Fonte: Carlos Natal

A cidade sempre se destacou na questão do agronegócio, sendo hoje sede da *Agrishow*, uma das maiores feiras agrícolas do mundo e a maior feira agropecuária do Brasil, a qual reúne soluções para todos os tipos de culturas, safras, máquinas e tamanhos de propriedades, além de ser reconhecida como o palco dos lançamentos das principais tendências e inovações para o agronegócio. Em 2024 a feira reuniu mais de 800 marcas expositoras e mais de 195 mil visitantes em 520.000 m² de área movimentando mais de R\$13,6 bilhões. Desde 2010 a cidade de Ribeirão Preto é também conhecida como um polo tecnológico, por seus investimentos em áreas como da saúde, biotecnologia e bioenergia. Ribeirão Preto possui, de acordo com matéria vinculada em jornal local, o 29º maior PIB brasileiro (DOS SANTOS, 2023). Em termos sociais e políticos, a cidade de Ribeirão Preto mantém características conservadoras que se refletem, em sua maioria, nos habitantes da cidade. Esse conservadorismo pode ser observado tendo como base os resultados das últimas eleições presidenciais. Nas eleições de 2018, o então candidato Jair Bolsonaro recebeu 58,32% dos votos válidos no 1º turno das eleições e 72,27% dos votos válidos no 2º turno. Por sua vez, nas eleições de 2022, Jair Bolsonaro recebeu 52,56% dos votos válidos no 1º turno e 59,62% dos votos válidos no 2º turno.

A característica do conservadorismo da população de Ribeirão Preto é mencionada por um dos entrevistados: “...Ribeirão Preto é interior de São Paulo, né? Uma cidade ligada muito ao agronegócio, [...] a opinião das pessoas no geral na cidade é totalmente contra quem é de esquerda e quem é progressista” (torcedor 4).

2.2. O Botafogo de Ribeirão Preto

O Botafogo Futebol Clube, também conhecido como Botafogo de Ribeirão Preto, ou simplesmente Botafogo - SP, é um clube de futebol profissional da cidade de Ribeirão Preto, localizada no interior de SP distante cerca de 300 quilômetros da capital. No início do século XX, os primeiros times de futebol representando os bairros da cidade começaram a se estabelecer. No caso da Vila Tibério, eram três os times que representavam o bairro: União Paulistano, Tiberense e Ideal Futebol Clube. Isso fazia com que os bons jogadores do bairro se diluíssem entre os três, diminuindo assim sua competitividade quando jogavam contra equipes de outros bairros (RAMOS, 2008).

Para contornar esta situação, um grupo ligado ao Ideal Futebol Clube convocou representantes do União Paulistano e do Tiberense para uma reunião, com o intuito de propor uma fusão do trio. Com o consenso pela fusão, o Botafogo Football Club do Rio de Janeiro foi lembrado, e optaram por homenageá-lo com um nome homônimo ao novo time de Ribeirão Preto. Há também uma versão que garante que chegar ao consenso nesta reunião não estava sendo fácil, e, em um dado momento, um dos presentes teria ameaçado a fusão e dito que *botaria fogo* em todos os documentos que ali estavam; tal ameaça, de acordo com essa visão, teria inspirado o nome do time. Embora existam registros que apresentem datas anteriores, a data oficial da fundação do Botafogo Futebol Clube é 12 de outubro de 1918 (RAMOS, 2008).

Pelos registros da época e o depoimento daquele que seria intitulado sócio número um do clube (Francisco Oranges), percebe-se que a síntese do nascimento do Botafogo foi a união das forças populares, o que deu ao clube essa característica que sempre o marcou (RAMOS, 2008).

O primeiro presidente do clube foi Joaquim Gagliano, que na ocasião também era funcionário da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Isso facilitou o caminho para que Gagliano conseguisse junto a alguns funcionários da Companhia o primeiro custeio para a aquisição de material esportivo. As três cores, branco, preto e vermelho, foram tanto uma homenagem ao homônimo carioca (alvinegro) quanto para aludir às cores da bandeira paulista (o alvinegro somado ao vermelho). A primeira partida foi disputada em Franca, outra cidade do interior de São Paulo (distante cerca de 90 quilômetros de Ribeirão Preto), contra o Esporte Clube Fulgêncio: vitória por 1 a 0 (RAMOS, 2008).

O primeiro título conquistado foi o de Campeão do Interior da 1ª Região, em 1928, o que credenciou o Botafogo Futebol Clube à disputa da Taça Competência, contra o Palestra Itália, campeão do Campeonato Paulista organizado pela Apea (Associação Paulista de Esportes Atléticos). Em 1956 e 1957 vieram as conquistas que confirmaram o estabelecimento do time como uma potência de sua região: foi campeão do Centenário de Ribeirão Preto (com vitória sobre o Comercial Futebol Clube por 4 a 2), da Taça dos Invictos do Interior (que pela primeira vez era oferecida a um time de fora da capital) e do Campeonato Paulista da Segunda Divisão, credencial para a disputa da divisão principal (RAMOS, 2008).

Até os anos 1970 o time não teve hino oficial, mas algumas marchinhas que aludiam ao clube. Em 1972, na gestão de Ricardo Christiano Ribeiro – que naquela oportunidade assumia o cargo de presidente pela primeira vez –, foi criado um concurso para a escolha de um hino oficial. Dentre 13 concorrentes, o campeão do concurso foi um composto pelo próprio Christiano Ribeiro, com letra de Horvildes Simões (RAMOS, 2008).

A torcida organizada Fiel Força Tricolor, fundada em 1992, é a mais antiga do Botafogo de Ribeirão Preto, e a mascote do clube é uma pantera, instituída após o título de Campeão do Interior da 1ª Região, conquistado em 1928, momento em que a equipe passou a ser conhecida como “Pantera da Mogiana”. Já o primeiro estádio foi o Luiz Pereira, inaugurado em 24 de fevereiro de 1924, que em seus primeiros anos era chamado de “campo da Vila Tibério”, “campo do Botafogo”, “Fortim da Vila” e “Madeirão”. Nos anos 1960, foi construído o Estádio Santa Cruz, inaugurado em 21 de janeiro de 1968 em um amistoso contra a Seleção da Romênia, vencido pelos anfitriões por 6 a 2.

Dois dos jogadores que são fortemente associados ao Botafogo Futebol Clube, onde começaram suas carreiras como profissionais, são os irmãos Sócrates (1974-1978 e 1989) e Raí (1984-1987). Nascidos em Ribeirão Preto, Sócrates e Raí viram suas carreiras ganharem projeção nacional em suas passagens pelo Sport Club Corinthians e pelo São Paulo Futebol Clube, respectivamente. Outros jogadores que também se destacaram em suas passagens pelo Pantera em todos os tempos foram o meia Tim (1930-1934 e 1948-1949), o lateral-esquerdo e zagueiro Dicão (1956-1959 e 1960), o goleiro Machado (1954-1966), o lateral-direito Eurico (1964-1968), o zagueiro Manoel (1971-1983), o centroavante Geraldão (1970-1975), o atacante Didi (1980-1981 e 1988), o centroavante Néelson (1985-1992) e o goleiro Doni (2001).

O livro *“Botafogo: uma história de amor e glórias”*, de Igor Ramos (RAMOS, 2008), apresenta-se como uma significativa contribuição para a compreensão da cena futebolística não apenas de Ribeirão Preto, mas da gênese do futebol no interior do Estado de São Paulo, e, obviamente, do Botafogo Futebol Clube. Passados mais de cem anos de sua fundação, prossegue em seu projeto de formação de atletas e de alcance de êxito nas competições profissionais de futebol.

Os entrevistados, e modo geral, relacionam a história do Botafogo/SP a um caráter popular e de respeito às diferenças, embora não identifiquem no clube, no contexto atual, uma política de combate a discriminações:

O Botafogo em si durante toda a sua história, que já é uma história centenária, nunca se teve nenhuma notícia até agora de qualquer inversão de nossos valores daquilo que a gente carrega. Então, o Botafogo, em si, ele é antirracista. O Botafogo, em si, ele é anti-misógino, ele não cultua a homofobia, mas não há uma política abertamente nesse contexto, dentro do estádio, por exemplo, a gente não percebe esta política do Botafogo (torcedor 1).

Ainda quanto a essa história popular outro torcedor entrevistado se manifestou:

...no começo o clube foi formado por operários da companhia de ferro mogiana, que era diferente do rival. O nosso rival foi criado por comerciantes, era o pessoal mais abastado, a gente era operário. Era um clube formado em um bairro de operários, mas ao longo do tempo isso se perdeu também, né? Hoje eu vou falar assim, não vou falar que não é um clube popular, é um clube popular. Mas nos últimos anos se perdeu muito isso. O primeiro estádio era na Vila Tibério, que era um bairro em formação, e tal. Depois mudou e em 1968 foi inaugurado o

Santa Cruz, que hoje é um bairro de elite em Ribeirão. [...] Irajá, Zona Sul é uma área de elite, foi em volta do estádio ali (torcedor 3).

Atualmente, quando o clube é o mandante, os seus jogos são realizados no estádio Santa Cruz / Arena Nicnet, que está localizado na Avenida Costábile Romano S/N, Ribeirânia e tem capacidade para receber mais de 15 mil apaixonados pelo Botafogo em dias de jogos. A Arena Nicnet possui nove camarotes de 12 lugares, um de 15 e três de 20 lugares, além de um *lounge* exclusivo. Há ainda opções mais luxuosas, como as 34 suítes corporativas, com banheiro e cozinha privativa e que recebem de 36 a 80 pessoas, cada, evidenciando uma relação entre a arenização e a elitização do futebol, tema sempre conflitante entre os torcedores e os gestores da Sociedade Anônima do Botafogo/SP.

A Arena oferece aos moradores de Ribeirão e turistas da cidade opções de lazer, entretenimento e gastronomia, disponíveis no site da própria arena (www.arenaninet.com.br). Na Arena, situa-se o *Boulevard Arena Nicnet*, que reúne estabelecimentos como o *Hard Rock Café*, a Pantera Shop (com toda a linha de produtos oficiais do Botafogo), o Seo Tibério Futebol Bar e a Studio Arena Barbearia.

Esse espaço esportivo foi escolhido no mês de dezembro de 2024 pelo Governo do Estado de São Paulo para fazer parte do Guia Rota do Futebol SP, projeto idealizado para integrar a cultura do futebol ao turismo, criando experiências “memoráveis”, segundo matéria com o título “Estádio de Ribeirão Preto é destaque no Guia Rota do Futebol SP, publicada no dia 12 de dezembro de 2024 no site da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto (CRISTOVO, 2024). O formato de arena adotado no estádio Santa Cruz / Arena Nicnet é alvo de fortes críticas por parte da Resistência Caipira. Um dos torcedores entrevistados afirma:

Eles estavam com um projeto de elitizar o futebol, né? Setorizar o estádio. Então, já era setorizado o estádio Santa Cruz antigamente. Era uma área que tinha uma cadeira coberta, uma área coberta. De cadeira cativa e o resto era um setor descoberto. Aí já começou um projeto também de elitização, né? De separar. Isso é para setorização. Um setor era o setor ouro, setor prata, setor bronze, já era algo que para mim, para a gente isso também é uma forma de fascismo, que é separar, é tirar do povo um clube que é do povo que foi criado por

trabalhadores e fica na mão de um empresário e setoriza. A visão do Adalberto Batista³ é usar para arena de shows (torcedor 3).

Na visão de outro interlocutor, o estádio Santa Cruz / Arena Nicnet produz uma separação entre aqueles que podem pagar pelas cadeiras cativas e os torcedores que ficam nas arquibancadas (dado que uma parte do estádio se tem características de arena e outra parte mantém características “tradicionais”):

O Santa Cruz hoje...é um campo, né? Circular...e metade é a arena. Metade é a arena. A outra metade nós temos uma parte onde ficam as cadeiras cativas cobertas. E uma outra parte, uma boa parte é descoberta é onde ficam as arquibancadas. Meu amigo, o povo foi pra arquibancada. A “melhor parte” você vê na televisão. Na transmissão da televisão, o que se vê, de frente, é a arena. Você vê a parte maravilhosa da arena (torcedor 1).

Outro torcedor corrobora com essa perspectiva, afirmando inclusive que, a despeito de sua história, o Botafogo/SP tem recentemente se tornado mais elitizado do que seu rival, Comercial:

O estádio agora que depois que virou arena tem camarote do Hard Rock, tem várias coisas superelitizadas. “Super assim” que não cabem muito em um estádio de futebol. [...] Então, tem toda essa coisa aí, tem toda a estética do Botafogo, que talvez, neste sentido, seja muito mais elitizado que o Comercial, com certeza. O estádio do Comercial é um estádio bem simples, né? Cinza, concreto, puro assim. Estádio do jeito que sempre foi. Então talvez a estética depois que o Botafogo virou S/A, o clube ficou um pouco mais elitizado (torcedor 4).

Em relação à criação de um modelo organizacional de clube de futebol, o Botafogo Futebol Clube, foi um dos pioneiros na questão de buscar a criação de uma Sociedade Anônima, em um modelo de profissionalização do seu departamento de futebol. Assim, desde maio de 2018, o Botafogo de Ribeirão Preto já havia se transformado em clube-empresa e impulsionado pela “onda” das SAFs, após a criação da Lei Nº14.193/2021 que estabelecia normativas próprias aplicáveis a times de futebol com o principal objetivo de resgatar as instituições em situação de crise financeira, oportunizando o ingresso de novos investidores. Foi feita uma alteração no estatuto do clube para que fosse implantado este modelo de gestão, que foi aprovada por todos os conselheiros.

³ Alberto Batista é o presidente do Conselho Administrativo do Botafogo Futebol S/A.

Diante deste cenário, o Botafogo Futebol Clube foi ao mercado e firmou parceria com a *Trex Holding* de propriedade do empresário Adalberto Baptista estabelecendo-se a seguinte divisão percentual de ações: 60% pertenceriam ao Botafogo Futebol Clube (associação) e o restante (40%) pertenceria ao investidor do clube, ou seja, o Botafogo Futebol S/A.

As atribuições para cada parte ficaram distribuídas da seguinte forma: o Botafogo Futebol Clube ficaria responsável pela indicação do presidente desta nova empresa criada, e o sócio/investidor ficaria responsável pela indicação do diretor financeiro. A associação Botafogo Futebol Clube repassou todos os direitos federativos dos atletas para a empresa criada, assim como também repassou o direito de disputa de campeonatos junto às federações e às confederações, e as receitas desses campeonatos também foram cedidas para a empresa criada. Também ficou definido e delimitado entre as partes que a empresa ficaria responsável pelo pagamento dos salários dos jogadores e dos funcionários. O que ficou definido no início era que a associação Botafogo Futebol Clube, detentora de 60% da empresa, iria participar da montagem de elenco, e que a Sociedade Anônima iria gerar receitas para a amortização de dívidas já existentes da associação.

Com o advento da constituição da Sociedade Anônima do Botafogo de Ribeirão Preto no ano de 2018, houve uma divisão em que foi constituído o BFSA (Botafogo Futebol S/A), que é o responsável pela gestão do clube na Série B do Campeonato Brasileiro, assim como eventual participação na Copa do Brasil e no Campeonato Paulista, e o BFC, que é o Botafogo Futebol Clube, o clube social, quem comanda as escolinhas e as cadeiras cativas.

Essa cisão gerou um litígio jurídico, com uma ação judicial do Botafogo Futebol Clube (BFC) em face do Botafogo Futebol S/A (BFSA), por haver, em seu entendimento, um descumprimento da Lei da SAF (Lei 14.193/2021), no seu artigo 10, em que, de acordo com o BFC, o BFSA “não faz os devidos repasses de 20% dos rendimentos da S/A”. Segundo o presidente do BFC, o imbróglio se dá pelo seguinte motivo:

...as dívidas ficaram para a associação, e a empresa criada não vem dando lucro desde a sua constituição, ou seja, há seis anos. Hoje o clube encontra-se em uma dificuldade muito grande e, em litígio, com o sócio escolhido para a criação da Sociedade Anônima e para

participar desse projeto de profissionalização do seu departamento de futebol (Presidente do BFC).

As discussões se intensificam e se solidificam em ações, que buscam um movimento de ruptura contratual, como uma Reunião Extraordinária do Conselho Deliberativo do clube, no dia 29 de julho de 2024 (29/07/2024), em que aproximadamente 80 (oitenta) Conselheiros do Botafogo Futebol Clube aprovaram de forma unânime o prosseguimento de estudos para romper com o Botafogo Futebol S/A. Apesar desse conflito, o presidente do BFC defende o modelo de SAF a partir de argumentos econômicos, mesmo que reconheça a crítica à “arenização” feita por alguns torcedores:

Quando a SAF foi criada, todas as receitas da associação foram transferidas para a empresa criada e as dívidas ficaram com a associação. Hoje a associação faz a gestão das cadeiras cativas, as sociais do clube, os camarotes da arena e a escola de futebol, e ao fazer isto, a gestão destes ativos, busca sempre aumentar essas receitas, para fazerem frente às dívidas que ficaram com a associação. É claro que o assunto arenização não é bem visto pelos torcedores de um modo geral, mas se trata de uma forma de aumentar as receitas do clube de um modo substancial (Presidente do BFC).

Ainda assim, o mesmo interlocutor possui uma visão crítica a respeito do modelo de negócio adotado pelo Botafogo/SP desde a implementação da Sociedade Anônima, assumindo uma postura pessimista quanto ao presente e ao futuro do clube (o qual, segundo o presidente do BFC, possui dívidas na ordem de R\$ 27 milhões na questão tributária e entre R\$ 7 e R\$ 8 milhões no âmbito trabalhista):

O Botafogo hoje está próximo de terra arrasada. E eu acho que é isso que eu represento. Uma luta contra isso, contra o poder econômico, onde não há diálogo, onde não há possibilidade de um possível acordo, onde não há reconhecimento de uma associação centenária, e eu acho que essa nossa luta hoje, muitas pessoas que participaram no início, apoiando o negócio, não no modelo que é hoje, mas de certa forma apoiando a profissionalização do departamento de futebol, estão entendendo que, poxa, nós erramos. Dá para profissionalizar? Sim, sem dúvida nenhuma. Contra a sociedade anônima do futebol? Também não. Mas a gente errou, a gente escolheu o modelo errado. A gente errou talvez na escolha do parceiro e nós precisamos corrigir isto [...]. O Botafogo Futebol Clube hoje sangra todo dia pela manhã, o Botafogo Futebol Clube sangra um pouco mais todo dia e acho que a nossa maior função hoje, enquanto líder do clube, é não desistir e levar ao debate, em todas as esferas do clube tudo que vem acontecendo, de modo a buscar a transparência, de levar a informação e achar alternativas para que o Botafogo Futebol Clube não venha a

sucumbir diante do poder econômico...simples assim (Presidente do BFC).

O modelo de Sociedade Anônima adotado pelo Botafogo/SP também é alvo de crítica de diversos torcedores do clube, como pode ser identificado na fala de um dos interlocutores desta pesquisa:

O que eu entendo e isso é que me muito me preocupa é que no caso do Botafogo a coisa foi feita de uma forma muito sodada. Assim como tem sido em outras agremiações de futebol. Então a falta de esclarecimento, a falta de transparência, o estudo pormenorizado de como irá se desenvolver a SAF. Como que será a administração? Como que será o retorno do dinheiro da arrecadação, como que serão feitas as quitações dos débitos? Pois o que geralmente leva uma agremiação futebolística para adotar o sistema SAF é o seu endividamento. Então, a rigor, o primeiro passo é, “eu quero me livrar das dívidas”. Perfeito, depois vem um investimento no futebol. Nós enquanto torcedores esperávamos algo além da reforma da arena, que está majestosa, está linda, ela está perfeita para shows. Para shows. E é o está sendo extremamente bem explorado pelo administrador da S/A. Ao Botafogo Futebol Clube compete-lhe o desenvolvimento das escolinhas. Na formação de novos atletas. O repasse da S/A é ínfimo pra você tocar uma atividade dessa. É ínfimo. Isso já decorre sem qualquer reajuste (torcedor 1).

3. A TORCIDA RESISTÊNCIA CAIPIRA

3.1 Fundação e causas defendidas

A torcida Resistência Caipira teve sua origem e o início de suas atividades no ano de 2018. O foco de resistência à época foi a transformação do Botafogo de Ribeirão Preto - que tem a sua origem em uma associação sem fins lucrativos, assim como praticamente todos os times de futebol no Brasil - em uma Sociedade Anônima do Futebol (SAF). Pode-se dizer que esse foi o primeiro registro importante e singular desse estudo. O ano de tal transformação constitutiva do clube em uma Sociedade Anônima foi em 2018, e a Lei da SAF, que regulamentou as Sociedades Anônimas do Futebol, foi promulgada em 06 de agosto de 2021, quando foi publicada a Lei Nº 14.193/2021.

A fala de um dos interlocutores expressa a contradição entre a lógica econômicas da SAF e a paixão futebolística dos torcedores:

O que mais o torcedor quer, o torcedor quer time. O torcedor quer a competitividade, o torcedor não quer só ganhar e que não está aqui só pra ganhar. E nós somos extremamente saudosistas. Rapaz, a gente conviveu aqui com o Sócrates, com o Raí, com o Zé Mário. Jogadores que ganhavam miséria antes de irem para os grandes clubes, mas que jogavam com o corpo e com alma. Tanto que aqui o nosso lema é Raça, Raça, Raça! Nós não tínhamos dinheiro assim. Raça. E hoje é o que falta. Então, infelizmente nesse sentido, a SAF peca e peca muito (torcedor 1).

A identificação da Resistência Caipira como sendo uma torcida de um clube de futebol sempre se fez presente, tendo em vista o “amor” de seus integrantes pelo Botafogo de Ribeirão Preto. E este amor fez com que algumas regras fossem idealizadas, desde a fundação da torcida, como por exemplo, a não identificação dela como sendo de um determinado partido político, mesmo que notório o viés da torcida pelo campo da esquerda, com pautas e ideais progressistas, e a luta contra o fascismo e todo e qualquer tipo de discriminação. Essa situação é, porém, conflituosa, tendo em vista a filiação partidária de alguns integrantes da torcida e, conseqüentemente, a mobilização por votos em eleições.

A Torcida Resistência Caipira se mantém na luta pelos seus ideais e pelas suas causas políticas no âmbito das redes sociais, principalmente no Instagram,

conforme observação e análise realizada na página da torcida. A partir da eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro, com a polarização latente que se teve início, as postagens e o engajamento se tornaram ainda mais fortes, com o posicionamento da torcida cada vez mais firme e enfático nas redes sociais, contra “o fascismo e toda e qualquer forma de discriminação”.

Uma das torcedoras entrevistadas, ao narrar sua experiência pessoal, reflete sobre as pautas defendidas pela Resistência Caipira – enfatizando a crítica ao “futebol moderno”, a qual precedeu a ideia de “antifascismo” – e sobre seu “pertencimento” ao grupo:

Sempre fui uma pessoa que frequentou muito estádio, eu acho que antes da nossa organização, que se deu a partir 2018, eu frequentava muito assim pontualmente quando estava me sentindo em grupo né, porque ruim você ir sozinha. Hoje eu tenho mais tranquilidade para ir. E a gente tem um grupo bem formado também. Mas no início era sempre assim, nossa, poxa! E sozinha e tal. E aí 2018, os meninos, os amigos nossos não sei se já te falaram a respeito, mas a gente nasceu na verdade contra o “futebol moderno”...assim...a ideia não era ser uma torcida antifascista né? E tinha acontecido em 2018 a questão da SAF né? (torcedora 2)

A mesma torcedora faz ponderações sobre os dilemas quanto à participação na defesa de causas políticas, principalmente quando ligadas ao contexto da política eleitoral:

...inclusive surgiram algumas questões depois porque aí 2018 e tal e tiveram as manifestações contra o Bolsonaro, aquela coisa de rua e tal. E a gente ficou assim, quebramos muito a cabeça. A gente vai participar ou não vai? Aí nós fomos, porque era uma coisa que extrapolava o estádio, a gente já tinha essa necessidade de se organizar para além do que a gente chama de “Passarela do Álcool”, que é um lugar em frente ao estádio do Botafogo e que normalmente tem um esquentão. Então, se o jogo é às sete da noite a gente chega lá quatro da tarde e fica trocando ideia. Aquele ali é um espaço em que a gente troca muita ideia com os outros torcedores né, de integração mesmo. Até tem muita gente nossa que tinha muita resistência com o Lula. Eu gostava, gosto do Lula, mas tem gente falando “não, o cara é conciliador e tal”, mas naquele momento era vamos ajudar aqui na rua porque é ele ou o Bolso, só que aí também nesse mesmo momento muita gente que era de partido, inclusive vereador essas coisas assim, começaram a querer falar com a gente assim, em nome da Antifa. Isso, nossa, deu um grande problema, assim grande problema mesmo porque aí ficou meio que dividida assim o pessoal que era partido que não ia no jogo, do pessoal que “cola” no jogo, mas isso já foi esperado também, né? A gente tem um grupo no WhatsApp, aí ficava esse pessoal falando de PT e a gente falando “não cara, aqui é de torcida”, então a gente tem uma vigilância muito grande de preservar essa identidade, né? Aconteceu

todas essas questões aí a gente sentiu a necessidade de virar uma torcida (torcedora 2).

Ao mesmo tempo em que a torcedora defende certa a autonomia em relação à política institucional, afirma a importância de realização de um “contraponto” em relação a posições com as quais há discordância. Esse tipo de posicionamento é interpretado pela entrevistada como um dos disparadores da formação da Resistência Caipira:

Teve um episódio que eu acho que 2015, sei lá, né? [...] de uma galera que levou uma faixa grandona “Somos todos Moro” para o estádio. A gente falou “não, espera aí, então vamos também fazer o nosso contraponto” (torcedora 2).

Nesse sentido, outro entrevistado relata a participação de integrantes da torcida nas ruas, durante a campanha presidencial de 2022:

Teve bastante movimentação da torcida em dois mil e vinte e dois. A torcida atuou muito na rua, teve campanha, existiam políticos locais que eram favoráveis ao governo atual. Então a torcida estava muito atuante nisso e eu olhava com admiração, né? Porque assim independente de partido, que até uma bandeira nossa de ficar acima de partido, não ter muita partidização e tudo mais. Apesar disso, tudo agora é o que a gente acreditava no momento e mais do que tudo estava lutando contra o outro lado, né? O outro lado que era extremamente perigoso, um país que já tem muita miséria e deixar no poder alguém que meio que cultua essa miséria a partir de suas ideias liberais e tudo mais, eu acho muito complicado e muito perigoso né? Então acho que a torcida pelo menos regionalmente aqui ajudou muito nessa campanha e como a diferença da eleição foi pouca, então dá pra dizer que pelo menos um grão de areia ali deu pra mexer

A torcida tem uma atuação destacada na pauta na luta contra o fascismo, em favor da democracia, contra o racismo, o sexismo e a homofobia. A causa de defesa de grupos vulneráveis se traduz em ações sociais que ultrapassam o espaço do estádio de futebol, como a coleta e entrega de doações, além da prestação de serviços gratuitos, em substituição de serviços que deveriam ser prestados pelo Estado. Esses elementos aparecem na fala de um interlocutor:

A nossa luta dentro e fora do campo exatamente pauta nas questões progressistas, ok? Contra o racismo, contra a violência doméstica, contra a homofobia e por aí vai. Então são políticas públicas acima

de tudo. E vamos além das fronteiras do estádio porque nós temos uma participação em conjunto com uma faculdade de medicina aqui de Ribeirão Preto a gente faz um trabalho social muito bacana. Eles, enquanto estudantes de medicina com coordenação de uma professora, fazem atendimentos a moradores em situação de rua, nós entramos em conjunto com eles levando uma boa conversa, uma boa alimentação, vestuário e outras outras eventos que a gente pode fazer (torcedor 1).

Tal divulgação e publicidade são feitas por meio do canal oficial da torcida no Instagram. Assim, o sentido de “antifascismo” encampado pela Resistência Caipira assume uma conotação generalista, a qual abrange uma série de pautas ligadas ao campo progressista: “Indiscutivelmente a pauta antifascista está no nosso DNA. A pauta progressista está no nosso DNA” (torcedor 1). A ação social se articula com a divulgação de conteúdos produzidos pela Resistência Caipira nas mídias. A luta a favor da Palestina é um desses exemplos, e *lives* são criadas nos canais de comunicação da torcida para que sejam debatidos temas teóricos e, ao mesmo tempo, atuais no cenário político.

A luta pelas pautas sociais e pelo entendimento político sobre o que é uma luta antifascista também é visível no combate à arenização no futebol, que se intensificou no Brasil com a Copa de Mundo de 2014 e que trouxe para os nossos estádios de futebol padrões que modificaram, em primeiro lugar, as estruturas dos mesmos e que em decorrência disso, geraram um processo paralelo de elitização dos campos de futebol. Em prol dessas mudanças estruturais, houve um movimento de setorização, de posicionamento e de elevação no processo dos ingressos em busca de um determinado perfil de torcedor em detrimento de outro, em desvantagem econômica. A própria torcida Resistência Caipira passou por isso quando teve a sua posição dentro do estádio Santa Cruz alterada em prol de outros interesses de mercado do clube, em alinhamento com a política adotada pelos gestores acionistas do Botafogo de Ribeirão Preto. Esse conceito “amplo” de antifascismo, abarcando a dimensão econômica, é referenciado por uma das entrevistadas:

O Botafogo, o futebol, ele virou um departamento dentro da SAF. Ficou muito caro também os ingressos e tal. Então a gente acha que isso tem a ver também com a questão antifascista, com a questão que não é só contra o fascismo [...]. Então, a gente não é só tipo anti-Bolsonaro, a gente é contra essas ideias no geral assim, que causam segregação

de alguma forma. Sim. Que é muito, muito próprio da dos governos autoritários também e tal. É, mas também a gente defende muito o que é nosso, já foi nosso time do povo, time operário, time popular. Sim. Porque isto tem a ver com o nosso nascimento. [...] Então, quando a gente fala em antifascista, não é só essa coisa distante [...]. Mas assim, é tipo, que precisamos voltar a ser um clube popular e de pessoas, porque o Botafogo nasceu da vila, tipo, nasceu da Vila Tibério (torcedora 2).

Quanto à relação com os partidos, apesar de a torcida não ser vinculada a um partido político específico, alguns integrantes são ou foram filiados a partidos de esquerda. Nas eleições municipais de 2024, alguns integrantes da Torcida Resistência Caipira participaram ativamente de todo o processo eleitoral, defendendo, nas redes sociais digitais da torcida, o voto em candidatos com perfis, pautas e ideias progressistas, de partidos identificados com a “esquerda”. Argumentavam, por exemplo, que Ribeirão Preto sempre foi uma cidade conservadora, onde cada voto no “bloco progressista” seria importante para lutas políticas as quais a Resistência Caipira se identifica.

Essa relação, porém, tende a se restringir a pedidos genéricos de voto a candidatos identificados com o espectro progressistas, não se confundindo com a vinculação da Resistência Caipira, como organização, a determinado partido político. Inclusive, ao longo do tempo, membros que almejavam uma maior interação da torcida com determinado partido político foram se afastando, ao notarem este posicionamento interno e oficial da diretoria da torcida Resistência Caipira.

No estádio de futebol, a Resistência Caipira atua como uma torcida organizada, entoando músicas, carregando faixas e bandeiras. Por outro lado, pautas políticas podem ser levadas pelos integrantes da torcida ao estádio, como neste caso:

Dentro do estádio, teve o caso do combate ao racismo quando teve um caso com um ex-jogador do Botafogo que estava jogando na Bolívia, o Serginho, centroavante, ele foi vítima de racismo na Bolívia. Então, a gente pegou TNT, spray, aí colocamos faixa lá na porta do estádio, na hora. Contra o racismo, né? (torcedor 3).

Existe ainda um fator que certamente fez com que a Torcida Resistência Caipira lutasse e se envolvesse ainda mais pelas causas sociais. Esse fator, perfeitamente identificado com o clube e com a cidade de Ribeirão Preto, é a

figura do atleta Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, ou simplesmente, o “Dr. Sócrates”, que foi o mentor da “Democracia Corinthiana”, um dos melhores jogadores da história do Sport Club Corinthians Paulista, e que teve a sua estreia como jogador profissional no Botafogo de Ribeirão Preto.

O “Dr. Sócrates”, assim chamado por ser formado em medicina, chegou ao Botafogo de Ribeirão Preto com 15 anos de idade, fez a sua estreia nos profissionais em um amistoso em julho de 1972 e o seu primeiro jogo oficial em março de 1973. A partir desse momento, a história é contada e surge um “jogador extraclasse” do futebol mundial. Diante da citação deste fato histórico, surge a pergunta: qual a relação entre a figura do “Dr. Sócrates” e a torcida Resistência Caipira?

O “Dr. Sócrates” foi um atleta que se posicionava politicamente e que lutava pelos direitos políticos da população, contra o regime militar da época. Desta feita, a figura do “Dr. Sócrates” se encontra presente, na forma de “um bastião” da luta pela liberdade e pela democracia, em quase todas as torcidas organizadas antifascistas no país. O fato de Sócrates ter surgido para o futebol no Botafogo de Ribeirão Preto traz toda uma carga emocional e uma legitimidade à torcida Resistência Caipira. Some-se a isso o ano de surgimento da torcida e o ineditismo da luta contra um modelo de negócios, até então, praticamente inexistente no futebol brasileiro.

Figura 13: Sócrates e a Torcida Resistência Caipira



Fonte: Arquivo pessoal

3.2 Formalização como torcida organizada

Um fato ocorrido no dia 19 de janeiro de 2023, quando da partida realizada entre o Botafogo/SP e a Sociedade Esportiva Palmeiras pelo Campeonato Paulista daquele ano, merece ser destacado e fez com que a Resistência Caipira tomasse as medidas necessárias para deixar de ser um Coletivo de Torcedores para se tornar efetivamente uma Torcida Organizada. Naquele dia, o grupo levou uma faixa com a frase “Sem anistia”, em referência aos atos golpistas do dia 08 de janeiro na Praça dos Três Poderes em Brasília. A faixa tinha sido proibida pela Polícia Militar na entrada do estádio, mas foi escondida por uma torcedora e estendida durante a partida. Este fato gerou um conflito entre alguns torcedores e a Polícia Militar, resultando inclusive em alguns feridos neste confronto (SANZ, 2023). A justificativa para a proibição, segundo policiais militares, foi o fato de que o grupo de torcedores não pertencia a nenhuma torcida organizada cadastrada oficialmente. A falta dessa documentação fez com que a Federação Paulista de Futebol (FPF) acatasse uma decisão do Ministério Público de São Paulo proibindo o Coletivo Botafogo Antifascista/Resistência

Caipira de frequentar os estádios de futebol de SP até novembro de 2023, quando do término do Campeonato Brasileiro da Série B, o qual estava sendo disputado pelo Botafogo (NETO, 2023).

Um dos integrantes da torcida, o qual inclusive, prestou assessoria jurídica aos torcedores atuados no dia da partida contra o Palmeiras -, identificou a necessidade de cadastrar oficialmente o “coletivo” e transformá-lo em uma torcida organizada. Assim, no dia 25 de outubro de 2023, foi expedido o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) da Associação Resistência Caipira e, a partir daí, com o reconhecimento perante os órgãos de controle do estado de São Paulo, a torcida passou a ter uma participação atuante na política interna do clube, como a busca por um assento no Conselho do clube, e uma fiscalização efetiva e minuciosa nas contas e em todas as decisões administrativas do Botafogo de Ribeirão Preto.

Uma das torcedoras entrevistadas narra como foi a situação que culminou na decisão pela formalização da torcida:

É que a gente não era uma torcida organizada assim de ter lá CNPJ, de ter essas coisas e aí começou a dar problema para a gente que culminou no do “sem anistia”. A faixa “de sem anistia” que a gente levou e aí a polícia veio, bateu um monte e levou dois nossos para a delegacia e tal, aí a gente falou “nossa, agora nós precisamos fazer uma assembleia com o pessoal que nós temos e vamos fundar a torcida” (torcedora 2).

No mesmo sentido, um dos torcedores entrevistados descreve como foi o processo de formalização:

Somos, salvo engano, a única torcida antifascista legalizada, legitimada. Todo esse processo eu desenvolvi para buscar exatamente essa ruptura com a Polícia Militar, o Ministério Público e até a própria diretoria da atual gestora do Botafogo e hoje a gente está entrando graças a Deus pela porta da frente, com nossas faixas, com nossos bandeirões, com nossas camisetas antifascistas hoje nós somos uma torcida organizada. Hoje somos a Associação Resistência Caipira. Desde outubro de 2023. Foi uma luta árdua. Porque até mesmo nos cartórios a dificuldade foi muito grande. As exigências eram muito grandes. Porque eu acredito que nem todas as torcidas tenham todo esse processo que legalmente a gente sabe que é um processo moroso e que é burocrático ao extremo ainda. Então dentro do contexto dos nossos princípios ficou difícil, mas foi uma luta que nós travamos durante 2023 em decorrência de Ações que a gente sentiu na pele a perseguição da Polícia Militar no estado de São Paulo aqui em Ribeirão Preto, do próprio Ministério Público que tem de trabalhar com o esporte aqui em Ribeirão Preto e a gente procurou aí pelo caminho da

legalidade. Da legalidade, da legitimidade e hoje estamos a trancos e barrancos, mas respeitados pelas demais torcidas, pela PM que ainda busca nos retaliar e o Ministério Público agora está mais sereno conosco, né? Mesmo porque a gente sem destoar da nossa política, de nossos princípios, seguimos frequentando a praça esportiva sem qualquer problema (torcedor 1).

A torcedora entrevistada destaca a ação estratégica de se tornar torcida, pois, segundo ela, a Resistência Caipira “foi se transformando de acordo também com os desafios” (torcedora 2). Tal validação burocrática foi de suma importância para o entendimento da torcida como parte interessada, tanto no âmbito de atuação política interna do Botafogo de Ribeirão Preto quanto na legitimação como organização, no sentido de defesa de pautas sociais e políticas locais, nacionais e até mesmo internacionais.

Esse aspecto formal, de criação de um CNPJ, é um fator totalmente “fora da curva” quando se estuda o surgimento, a continuidade e o desenvolvimento das torcidas antifascistas no Brasil. O que se pode observar, na prática, a partir da pesquisa exploratória em redes sociais no início desta pesquisa, foi a predominância de torcidas organizadas antifascistas com reduzida organização interna, com a presença de integrantes independentes, sem uma estrutura oficial e, na maioria dos casos, tendo como meio de expressão isolado as mídias sociais.

Devido à formalização como torcida organizada, a Resistência Caipira tem uma posição no estádio, tem faixa, e sempre que podem, alguns de seus integrantes viajam com outros torcedores do time para assistir os jogos do Botafogo de Ribeirão Preto em outras cidades. Este processo de “socialização” e “pertencimento” futebolístico se reflete em camisas confeccionadas para a torcida, no “engajamento” e na “busca por diálogo” com membros de outras torcidas organizadas do Botafogo de Ribeirão Preto. Isto, conforme depoimento de seus membros, coloca em prática aquilo que sempre acreditaram e assim ainda entendem desde o início da criação da Torcida Resistência Caipira: antes de qualquer coisa, os seus integrantes são torcedores do Botafogo de Ribeirão Preto e amam o seu clube.

A Resistência Caipira, após a consolidação oficial e burocrática para a criação da torcida, busca o caminho de uma maior presença de seus integrantes nos estádios, principalmente em Ribeirão Preto, onde já ocupam um espaço

específico e “fixo” para assistir às partidas do Botafogo. Por meio, principalmente, de sua página no Instagram, faz *posts* e *stories*, com mobilização para as partidas do clube e, com isso, a torcida se torna cada vez mais “uniformizada”, em um agrupamento de pessoas que têm o mesmo propósito e a “concentração” para os jogos em Ribeirão Preto começa bem antes do início do jogo, com a reunião de seus integrantes horas antes do apito inicial do árbitro, em uma localidade conhecida como “Passarela do Álcool”. Um dos entrevistados salienta as dinâmicas organizacionais da torcida após sua formalização, indicando a divisão por “setores” e mencionando estratégias de comunicação:

Agora a gente teve uma mudança na diretoria, depois da regularização. [...] Agora a gente é dividido, a gente tem o setor de comunicação, eu estou no meio, a gente tem o Instagram da torcida. E como eu mencionei, eu tenho muito VHS, muita imagem, muito jornal desde sempre, eu colecionei, né? E do Botafogo, eu tenho muito material. Eu sempre publico vídeos antigos de jogos do Botafogo e tal. Publico reportagem no jornal. Eu tenho um Instagram meu que eu criei que é sobre o Botafogo. Material, jornal, revista, tudo. Poster. Então tenho toda essa área que é comigo, bandeira, eu pinto, eu estou na área de comunicação. Aí tem uma área da diretoria que se planeja para as ações, agora a gente está estudando algumas ações com a nova diretoria para fazer. Nos jogos a gente se encontra antes, a gente sempre planeja com antecedência para encontrar, faz um esquentar antes, né? [...] mudou muito agora, de um ano pra cá (torcedor 3).

Outro torcedor entrevistado reforça essa percepção, além de afirmar que a Resistência Caipira passou por um processo de reestruturação, com a divisão em setores e uma maior descentralização administrativa:

Até o ano passado a torcida ainda era bem desorganizada, tinha um outro presidente, né? E a gente teve essa reestruturação, este ano, há uns dois meses. A gente decidiu lá que ia ser assim, né? E o presidente atual, a vice-presidente, toda diretoria é muito mais responsável. Inclusive a gente tem planos, né? De criar uma loja, por exemplo, já que inclusive temos um CNPJ. [...] Basicamente, todo mundo é amigo, todo mundo sai para beber depois do jogo, antes e depois, sai às sextas-feiras. Mas todo mundo na hora de falar sério, a gente fala sério e é isso, tem essa organização, mas é algo muito recente, a torcida na maior parte do tempo era, enfim, era meio que ia “daquele jeito” assim, uma hora o presidente da época pensava em fazer alguma coisa, ele ia fazer e sabe era meio, não tinha muita organização interna. Não tinha uma articulação interna, digamos. Era mais centralizado nele assim talvez. [...] Que seja tudo feito totalmente de forma legal, até mesmo porque temos vários advogados na torcida, tem eu inclusive, então a gente tem que ficar sempre vigilante com essas coisas. Eu acho que a organização em si é muito grande. Essa parte legal

realmente você tem que ter um cuidado especial na legislação nesse sentido (torcedor 4).

Atualmente, a Resistência Caipira possui uma participação mais ativa nos estádios e em diferentes ações junto à própria comunidade de Ribeirão Preto. Ainda, a Resistência Caipira possui em seu quadro diretivo uma mulher no cargo de vice-presidente, algo raro ainda nas torcidas pelo país, de modo a conciliar o discurso com a prática, dando voz às mulheres e às diversidades culturais como um todo. Para custear as ações da organização, membros da Resistência Caipira pretendem começar a cobrar mensalidades dos associados, em um valor “simbólico” (torcedor 1).

É fundamental destacar que, dentre muitos fatores importantes que levaram os integrantes da torcida Resistência Caipira a buscar o caminho da existência legal da torcida, no que diz respeito ao seu aspecto jurídico, está a busca por legitimidade de expressão, sem uma indevida coerção e desproporcional uso de força contra suas manifestações, como já mencionado anteriormente. Um interlocutor reflete sobre a relação tensa com as forças policiais, indicado que, apesar do fortalecimento da torcida com sua formalização, a presença da Polícia Militar é intimidadora e restringe a expressão de causas políticas no estádio:

Mas parece que a polícia é um viés também, né? Parece que a polícia não tende para o nosso lado. Mas tem questão de ação social dentro do estádio, a gente pensa muito sobre isso. Eu penso também, mas como tem essa vigilância da PM de São Paulo tão grande assim a gente fica meio assim de fazer alguma coisa dentro do estádio, né? Porque eles podem arrumar qualquer argumento para falar que a gente está fazendo ato político. Está ferindo a lei e ir lá agredir e tudo mais. Mas algo que eu penso, eu pessoalmente nunca falei isso, estou até para falar para o pessoal, até que eu vejo muito na Europa, né? É diferente a liberdade que a gente tem dentro do estádio. Na Europa, eles levantam a faixa da Palestina tranquilamente, sabe? Tem bandeira LGBT no estádio, sabe? Aquela torcida do St. Pauli que é muito ligado à esquerda, né? Tem o Rayo-Vallecano também da Espanha. Então eu queria um dia poder fazer isso lá para demonstrar as bandeiras que a gente tem, sabe? Alguma bandeira antirracista também, alguma coisa assim. Com a truculência da polícia militar de São Paulo e tudo mais, é difícil pensar nisso agora (torcedor 4).

Atualmente, a Resistência Caipira possui um presidente, uma vice-presidente, e uma diretoria, principalmente a de marketing, responsável pela publicação e divulgação de ações, de campanhas, de material informativo e de adesão de novos(as) associados(as) à torcida.

A torcida Resistência Caipira é, em suma, prioritariamente, uma torcida de futebol. Eles torcem para o Botafogo de Ribeirão Preto, mas também acreditam ser válida uma luta por aquilo que acreditam em termos sociais e políticos, tanto na esfera interna, e por consequência, administrativa do clube, como também em um âmbito de ideias sociais e políticas em que todos, enquanto cidadãos, estão devidamente inseridos na sociedade.

3.3 Relação com a política interna do clube

Como o próprio momento de fundação da Resistência Caipira indica, a relação da torcida com a política interna do clube, em função o modelo de Sociedade Anônima adotado, é predominantemente conflitiva. Nesta visão de combate e luta a um modelo de gestão esportiva trazido com o advento das Sociedades Anônimas, há uma unanimidade entre os integrantes da torcida Resistência Caipira entrevistados quanto ao que mencionam ser “um inimigo comum” a todas as torcidas organizadas do clube, mesmo em um contexto em que não existe uma unicidade política e ideológica em torno delas: os acionistas e os gestores que estão no clube após a transformação da natureza jurídica do Botafogo de Ribeirão Preto. Para os torcedores, importante é ter um time competitivo e alcançar bons resultados em todas as competições que o clube participar. Para os gestores de uma SAF, importante é a geração constante de receitas e os jogadores passaram de ídolos de um clube para simples mercadoria de troca.

Nesse sentido, um interlocutor afirma que a Sociedade Anônima (BFSA) não tem “qualquer contato” com as torcidas organizadas do clube (torcedor 1). Esse mesmo interlocutor afirma: “A SAF nos ignora completamente” (torcedor 1). Por outro lado, a relação da Resistência Caipira com a associação Botafogo Futebol Clube (BFC) é de diálogo: “Então nesse ponto nós estamos muito próximos, dialogando e na medida do possível cooperando com o Conselho Deliberativo e a Diretoria do Botafogo Futebol Clube” (torcedor 1).

A luta da Torcida Resistência Caipira, em consonância com a ideia de que, acima de tudo, são torcedores do Botafogo de Ribeirão Preto, converge na luta da torcida contra “os donos do clube” (especificamente, o BFSa) e na vontade explícita de participação de seus integrantes no Conselho que toma as decisões administrativas e estratégicas do clube.

A questão acionária do modelo de gestão do Botafogo de Ribeirão Preto é algo que une torcedores de diferentes classes sociais e de ideologias políticas, contra os mandatários do futebol do clube. Como já demonstrado, o Botafogo Futebol Clube constitui um caso raro de modificação de modelo de gestão de clube de futebol no Brasil (em que na sua maioria esmagadora em nosso país são associações sem fins lucrativos) para um modelo de Sociedade Anônima bem antes da publicação da Lei da SAF no ano de 2021. Desde a transformação em Sociedade Anônima, questionamentos e uma contrariedade quanto à forma de se pensar o “produto futebol”, com a história do clube e ações comerciais por parte da direção do Botafogo, se tornaram combustível para uma “guerra declarada” entre torcedores (aqui incluídos os integrantes da Resistência Caipira) e a direção da Sociedade Anônima que faz a gestão do clube.

Essa discordância se dá em torno de temas como o planejamento financeiro do clube, a política de preços dos ingressos para as partidas do clube, o fenômeno da arenização no Brasil e até mesmo a escolha do estádio em que o Botafogo “manda” os seus jogos para ser utilizado para fim diverso da realização de partida esportiva, no intuito de arrecadação e receita para a Sociedade Anônima constituída para o clube. Inclusive o estádio Santa Cruz, utilizado pelo Botafogo de Ribeirão Preto, tem como “*naming rights*” a alcunha de “Arena Nicnet⁴”. A relação entre receita, lucro e participação desportiva se mostra conflituosa neste tipo de acontecimento, em que o estádio é visto literalmente como uma arena, em uma questão de um *show*, na realização de festividades e agenda cultural, em detrimento de uma partida de futebol. Na visão do presidente do BFC, a criação da SAF gerou certo afastamento do clube em relação aos torcedores, dificultando ações de aproximação entre as partes:

⁴ Nicnet é uma empresa de internet de fibra ótica da região de Ribeirão Preto/SP e que passou a integrar o “*naming right*” do estádio Santa Cruz.

Hoje a coletividade dos torcedores, depois da criação da Sociedade Anônima se afastou um pouco do clube, e com a perda deste contato, dificulta muito realizar ações externas, como, por exemplo, a criação de outras atividades esportivas, como basquete, futsal, ou até mesmo promover eventos entre a coletividade, que, isto sim, deveria ser a função da associação no modelo de negócio que foi desenhado lá atrás (Presidente do BFC).

A Resistência Caipira, por meio de seus integrantes, busca uma maior participação ativa na política do clube e neste enfrentamento e questionamento das diretrizes do BFSA, inclusive, conforme já mencionado, com assento no Conselho que compõe o Botafogo Futebol S/A e o Botafogo Futebol Clube. Porém, aparentemente, as turbulências políticas internas e administrativas da instituição estão longe do fim. Um interlocutor entrevistado afirma que a BFSA restringe a possibilidade de participação não apenas de torcedores, mas no próprio BFC não administração do clube:

O problema nosso aqui é pela forma [...] de condução dessa transformação do Clube Empresa em SAF. O contrato, em si, tolhe muito a participação do BFC. Restringe muito a participação do BFC na administração, por consequência, resta-nos coisa ínfima para podermos intervir. Então, não temos assim como fazer algo que gostaríamos de fazer. Porque a associação Botafogo Futebol Clube, ela até “patrocina” a presença de torcedores, enfim...eu e mais dois que estamos na torcida e que somos conselheiros, a gente está ali também manifestando a nossa vontade e a vontade da torcida. Como deve ter gente ali vinculada à Fiel Força, como deve ter alguém vinculado à Movimento, isso eu não conheço. Evidente que a gente busca essa interação, mas infelizmente, por um contrato mal redigido, o BFC não tem força administrativa, tá? Muito difícil, sempre a maioria é da S/A (torcedor 1).

Por outro lado, após entrevistas e colhimento de depoimentos de integrantes da Resistência Caipira, pode ser observado que, mesmo com o desalinhamento entre as partes, ações do clube (BFC) consideradas válidas e pertinentes são elogiadas pelos torcedores. Por exemplo, os entrevistados mostraram apoio a algumas ações promovidas pelo clube, como a distribuição de ingressos à população vulnerável de Ribeirão Preto para que esta assista às partidas do clube no estádio.

Assim, atos e campanhas realizadas pelo clube, que na visão da torcida merecem aplausos, são destacados positivamente. Porém, na visão dos integrantes da torcida Resistência Caipira, há um consenso de que o formato de

gestão de uma Sociedade Anônima é conflitante com o alicerce de um clube de futebol que visa resultado esportivo. Na interpretação dos membros da torcida, muito da exclusão, nos estádios, das parcelas vulneráveis da população se deve à política de preços adotada pelo clube, principalmente após a transformação do seu estádio em uma arena de futebol, onde os *shows* com artistas nacionais e internacionais são muito mais importantes e lucrativos que os jogadores.

3.4 Relação com outras torcidas

Um fator importante, que merece destaque, é que não há uma união formal das torcidas organizadas antifascistas, com raras exceções, como a TAU Nordeste, que é um Coletivo de torcidas antifascistas amazônicas e nordestinas. De acordo com relatos de integrantes da Torcida Resistência Caipira, não há uma troca de informações ou até mesmo um contato entre as torcidas, num modelo, por exemplo, de cooperação, como no caso das “alianças” existentes entre torcidas organizadas dos clubes que não se intitulam como antifascistas. Pontualmente, até se tentou uma participação, em conjunto, com uma torcida com pautas progressistas do principal rival futebolístico, o Comercial Futebol Clube, em ação de mesmo cunho político-ideológico, mas a repercussão negativa foi imensa, gerando mensagens de ódio e rechaçando qualquer nova tentativa de “aproximação” entre as torcidas em pautas similares. A rivalidade clubística e suas paixões prevaleceram, neste caso, sobre qualquer possibilidade de união por pautas progressistas entre as torcidas antifascistas.

Um entrevistado reconhece, porém, a ocorrência de interações pontuais e virtuais com outras torcidas antifascistas:

Quando teve a eleição do Lula, alguns integrantes da torcida foram para Brasília, então encontraram algumas torcidas antifascistas e fizeram essa ponte, né? E teve uma, um contato interessante com a torcida do São Paulo, que eu acho que é a Bonde do Tchê, que é dentro da torcida Independente do São Paulo. Teve um contato forte lá e alguns membros nossos têm contato com eles ainda, né? Então, acho que é um contato interessante. Inclusive às vezes eles comentam algum post nosso. E é uma união mais virtual mesmo, né? (torcedor 4).

Quanto à relação com as demais torcidas do Botafogo/SP, o fato de a Resistência Caipira ter se formalizado como torcida de futebol faz com que, aos poucos, haja uma interação maior e respeitosa com as outras torcidas organizadas do clube, tendo em vista a assiduidade da torcida nos estádios e a presença participativa da mesma nas arquibancadas dos campos de futebol. Nas palavras de uma torcedora entrevistada: “[a relação com outras torcidas do clube] já foi pior. Já foi bem pior. Os caras não gostavam da gente. Teve uma época que a gente ficava perto da Movimento, bem perto. E eles hostilizavam a gente” (torcedora 2).

A formalização da Resistência Caipira é interpretada como fator central para a construção de relações mais amistosas com as outras torcidas. O próprio processo de formalização da Resistência Caipira é visto por uma das entrevistadas como auxiliado pela solidariedade de outras torcidas, em especial da Fiel Força, em função da situação de violência policial vivida por integrantes da Resistência Caipira:

A Fiel Força, que é a maior torcida organizada e a Movimento 1918, foi até uma surpresa eles se solidarizarem com a gente. O que é isso? É policial batendo em torcedor, não interessa, é policial batendo em torcedor. Então a gente sentiu assim as nossas conversas mesmo com essas outras torcidas, “não, você tem que se organizar, cara. Vão lá, faz assembleia, a gente ajuda vocês e tal”. Então teve uma força nesse sentido. Não todos, né? Mas assim, de gente que a gente acha que é importante, né? O próprio vice-presidente da Fiel Força já chegou e trocou essa ideia com a gente (torcedora 2).

Um torcedor entrevistado reforça a ideia de que a relação dos integrantes da Resistência Caipira com outras torcidas é de “tolerância”:

...nunca houve qualquer tipo de agressão ou desrespeito dos demais torcedores para conosco embora temos conhecimento que eles nos suportam, né? Eles nos toleram. Isso é bom porque já aproveitamos o ensejo e além de, evidentemente que quando a gente vai para o estádio, a gente vai para torcer pelo Botafogo, mas ali também nada impede que se faça uma espécie de uma resenha política com quem nos procura (torcedor 1).

Ao desenvolver a reflexão sobre a relação com outras torcidas do Botafogo/SP, esse torcedor entende que se trata de “respeito mútuo”, mas não de “cooperação” (torcedor 1). Segundo o interlocutor, há um esforço dirigido, por parte da Resistência Caipira, de aproximação com as demais torcidas:

O meu trabalho hoje é tentar fazer aproximação. Então, nós estamos começando extracampo, né? Conversando individualmente com cada membro. Nos aproximando, nos oferecendo pra irmos juntos a um jogo, por exemplo, em Campinas. Vamos alugar um ônibus, vai uma comissão de cada torcida lá compor. E chamando também, porque nós inovamos também em cada jogo em Ribeirão Preto, nós fazemos uma espécie de “esquenta”. [...] Então temos ali uma churrasqueira, temos um companheiro que fica responsável por levar as bebidas, temos um carro de som que fica ali, estendemos nossas bandeiras e ali aglomeramos com outros membros de outras torcidas. Nós chamamos, os convidamos para tomar uma cervejinha, para comer churrasquinho e assim a gente vai rompendo as barreiras, rompendo os paradigmas e eles começam a nos enxergar de outra forma. De ambas as torcidas [Fiel Força e Movimento] (torcedor 1).

É importante destacar que essa interação minimamente amistosa e respeitosa com as demais torcidas organizadas do clube decorre da atuação desportiva, tendo em vista que no campo político e ideológico, há uma contradição e uma oposição latente: “Eles, da Fiel Força, são extremamente conservadores [...]. Mas respeitamos, estou buscando ampliar um pouco mais, mostrar que a gente está ali, que a gente não está pra fazer nenhuma baderna” (torcedor 1). Por outro lado, o presidente do BFC entende que a paixão pelo clube tende a gerar sentimentos de união entre os torcedores, independentemente de posicionamentos políticos:

Na minha opinião, o futebol consegue agrupar pessoas, o que acho “interessantíssimo”, seja dentro do Conselho Deliberativo do clube, dentro da própria torcida e do grupo de torcedores que não pertence a qualquer organizada. Você observa a existência do “cara de esquerda”, do “cara de direita”, do “cara” de centro”, o “cara” que é radical, o outro que não é nada, que é apolítico, mas quando chega e toca nele a paixão que é pelo seu clube de coração, o clube que ele ama, acho que por alguns momentos seja em noventa minutos, quarenta e cinco minutos, cento e vinte minutos, ali naquele momento, todos estão e são unidos (presidente do BFC).

4. A RESISTÊNCIA CAIPIRA EM CAMPO

Optou-se também por comparecer a uma partida de futebol do Botafogo em Ribeirão Preto. Os fatos relatados neste tópico foram fruto de observação feita no dia 12 de novembro de 2024, *in loco*, na Arena NicNet, em Ribeirão Preto, quando da realização da partida entre o Botafogo/SP e o Ceará Sporting Club, válida pela 36ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série B.

Na observação foi verificar como é feita a organização pré-jogo, a movimentação dos integrantes da Resistência Caipira com os demais torcedores na “Passarela do Álcool” e ao redor do estádio, a entrada na Arena Nicnet, a disposição no estádio e as manifestações durante a partida e o pós-jogo.

O “esquenta”⁵ da torcida Resistência Caipira é feito em um local conhecido como “Passarela do Álcool”, situado nas proximidades de uma das entradas do estádio Santa Cruz. Os torcedores chegam horas antes das partidas “em casa” para se reunirem, conversarem, comerem e beberem, em um espaço aparentemente democrático e que comporta pessoas com ideologias e comportamentos diferentes.

Figura 14: Passarela do Álcool 1



Fonte: Arquivo Pessoal.

⁵ Reunião dos torcedores da Resistência Caipira e demais torcedores “organizados ou não”, antes do início dos jogos do Botafogo de Ribeirão Preto na Arena Nicnet.

A localização corresponde a um espaço em que as diferentes torcidas e grupos de torcedores do clube se encontram, antes do início das partidas. Nesse espaço há a presença da *Bota Chopp*, uma torcida organizada que é composta por membros do Judiciário local - boa parte vinculados à “elite” ribeirão pretana - e que se reúne de forma organizada, contando, inclusive, com a participação de uma banda musical, contratada nos dias de jogos.

Há ainda a presença da torcida Movimento Popular Botafoguense, que possui uma relação “superficial” com a Resistência Caipira, sem maiores laços de cordialidade e de convivência, como manifestaram os entrevistados, e a Torcida Fiel Força Tricolor, maior e mais antiga torcida do clube, que também se faz presente na “Passarela do Álcool” nos dias de jogo do Botafogo Futebol Clube e que mantém uma relação de amizade e companheirismo com os membros da torcida Resistência Caipira.

Figura 15: Relação entre Resistência Caipira e Torcida Fiel Força



Fonte: Arquivo Pessoal.

A torcida Resistência Caipira possui a sua localização estabelecida na “Passarela do Álcool” em frente à avenida principal que dá acesso ao estádio. Pode-se observar que o presidente da torcida Resistência Caipira, o Sr. Juarez, tem uma desenvoltura no sentido de se apresentar e percorrer esta área próxima ao estádio, em uma interação com os comerciantes locais e com outros torcedores do Botafogo, tanto os pertencentes a outras torcidas quanto os “avulsos” que estejam no local, independentemente de seus vieses políticos.

Figura 16: Passarela do Álcool 2



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em uma caminhada de “reconhecimento” pelo entorno do estádio, na direção da arena, percebe-se uma questão bem aparente, com olhares dos “frequentadores” da arena àqueles vestidos com camisas da torcida Resistência Caipira, com pouquíssima interação interpessoal neste local do estádio, da mesma forma que em uma conversa rápida, integrantes da torcida Resistência Caipira mencionaram, mais de uma vez, que aquele local do estádio “não os representava”, que eles “não pertenciam àquele espaço”. A percepção é de certa “desconfiança” de alguns dos torcedores do Botafogo/SP em relação aos

membros da Resistência Caipira. A entrada da torcida Resistência Caipira no estádio, desde a sua posição na “Passarela do Álcool” até a revista pela polícia, corresponde a poucos metros, mas que são marcados, nesta caminhada, pela tensão neste trajeto.

Percebe-se, ainda, uma nítida divisão física no estádio. Uma parte do estádio tem as características de arena, com suas cadeiras e camarotes, com entradas próprias, com a presença de empreendimentos comerciais, lojinha do clube e estacionamento. Já a outra parte do estádio ainda é iminentemente “raiz”, de concreto, sem cadeiras, com exceção de uma área bem pequena, onde estão as antigas cadeiras cativas do que uma vez foi o antigo estádio Santa Cruz. Assim, o estádio assume um caráter “híbrido”, entre a arenização e o “futebol raiz”.

Os integrantes da torcida Resistência Caipira, de um modo geral, são devidamente uniformizados com camisas próprias, que os identificam e formam uma unidade aos olhos de quem passa no local do “esquenta” das partidas do clube na cidade de Ribeirão Preto. Há, também, a presença de integrantes da torcida com camisas mais antigas, de um tempo em que a própria torcida nem sequer tinha a sua consolidação jurídica própria no que diz respeito à sua constituição formal perante os órgãos públicos competentes. Importante destacar a presença de integrantes da Resistência Caipira que preferem o “anonimato indumentar”, tendo em vista serem empresários na cidade e, por este motivo, adotarem uma postura “neutra” na vestimenta quando comparecem ao estádio Santa Cruz. Assim, tais torcedores, por serem profissionais das mais diferentes áreas ligadas ao comércio e ao setor de serviços de Ribeirão Preto, que atendem toda a população local, preferem não demonstrar relação íntima com uma torcida organizada antifascista, para evitarem qualquer tipo de boicote e mal-estar relacionado às suas atividades.

No entanto, a maioria dos torcedores que compõe a torcida vai uniformizada e “identificada” para as partidas do Botafogo Futebol Clube e é composta por professores, funcionários públicos, um público jovem por volta dos 20 anos de idade, universitários, engajados em pautas progressistas e alinhados a uma ideologia e a uma conceituação teórica e doutrinária mais ao espectro da esquerda, devidamente conectados com o propósito e os valores da torcida Resistência Caipira. Um exemplo desta contextualização foi a observação, no

dia do jogo entre o Botafogo Futebol Clube e o Ceará, da presença da bandeira da Palestina e a identificação da Resistência Caipira em prol da luta pela causa Palestina, seja em movimento de coordenação de exposição em estádio, seja por meio de postagem em rede social.

Figura 17: Presença da Bandeira da Palestina



Fonte: Arquivo Pessoal.

A quantidade observada de integrantes da torcida Resistência Caipira, no dia em questão, ficou em aproximadamente 20 pessoas, sendo que o “pré-jogo” é marcado pela exposição das bandeiras e faixas da torcida que serão levadas para dentro do estádio, por conversas diversas, não necessariamente somente pautas políticas e ideológicas, mas muitas relacionadas ao futebol e ao desempenho futebolístico do Botafogo Futebol Clube na temporada. Uma importante observação que merece destaque é a postura “proativa” e amplamente política, por parte do Sr. Juarez Alves, atual presidente da torcida Resistência Caipira.

Figura 18: Sr. Juarez Alves e o autor desta dissertação



Fonte: Arquivo Pessoal.

O Sr. Juarez busca uma maior aproximação da torcida que ele preside com outros setores de torcedores do clube. Antes da partida no estádio Santa Cruz, ele percorre a “Passarela do Álcool”, de forma a se conectar e ter uma relação cordial com outros torcedores, notadamente presenciada a relação amistosa e próxima com membros da Torcida Fiel Força Tricolor, em um engajamento clubístico entre ambas, até mesmo na questão dos cânticos dentro do estádio, sendo que os que foram criados pela Resistência Caipira foram devidamente cedidos à Fiel Força Tricolor. Desta forma, quando há o cântico por integrantes da Fiel Força Tricolor, os da Resistência Caipira acompanham esta forma de manifestação cultural durante as partidas no estádio.

Outro ponto importante a ser destacado é que o Sr. Juarez, como representante legal da torcida Resistência Caipira, dias antes da partida, é obrigado a enviar, por e-mail, ao comandante da Polícia Militar do estado de São Paulo, a lista de todo e qualquer material que será levado ao estádio para uma aprovação prévia pelas autoridades policiais. Todas as conversas por e-mail são devidamente transcritas e levadas ao estádio, como forma de uma comprovação suplementar de todo o diálogo, além daquele já armazenado em meio eletrônico.

No dia do jogo, houve uma inspeção e “varredura” nas faixas que foram levadas para dentro do estádio por policiais destacados para o certame pela

Polícia Militar do estado de São Paulo, num procedimento protocolar que sempre antecede às partidas. Na ocasião do jogo, a torcida Resistência Caipira levou três faixas para o estádio que foram devidamente registradas, fotografadas e periciadas pela Polícia Militar do Estado de São Paulo, sem maiores intercorrências na data do jogo.

No quesito da interação com a polícia, percebe-se em vários momentos, em diferentes conversas, com diversas pessoas, uma tensão latente, muito decorrente também de um histórico antagônico, de questionamentos verbais, chegando a um confronto físico em um momento específico de uma manifestação da torcida Resistência Caipira dentro do estádio. A revista pela Polícia Militar do material da torcida para entrada no estádio é um momento visivelmente tenso, com poucas palavras e interação entre as partes, com expressões faciais que demonstram esta tensão e um certo desconforto entre as pessoas, mas, no dia de minha observação *in loco*, esta interação acabou sendo “cordial”, rápida e sem maiores problemas.

Já dentro do estádio, a torcida Resistência Caipira se posiciona em um local de concreto, sem cadeiras, próxima a uma das bandeirinhas de escanteio. Neste espaço do estádio encontram-se muitos moradores e famílias, que não pertencem a outras organizadas do clube, sendo que estes torcedores se encontram posicionados em locais próximos da torcida Resistência Caipira, majoritariamente, atrás de um dos gols do estádio. O que se nota dentro do estádio é que há um “armistício”, onde as partes aparentemente se respeitam, sem qualquer interação, neste local, não tendo sido observado qualquer confronto físico, ou verbal, entre os presentes. neste local do estádio no dia da visita *in loco*.

O que se observa é que os torcedores “avulsos” ou de outras organizadas do Botafogo não compactuam com manifestação política “extracampo”, de causas sociais e políticas não diretamente ligadas ao jogo de futebol, sendo este local tão somente “apto” a receber questionamentos quanto ao time e à política interna do clube. Há uma visão “tradicional” neste sentido, de que ali, o estádio é um local que se restringe a temas “ligados” ao futebol.

Quanto à participação, dentro do estádio, como uma “autêntica” torcida organizada de futebol, depreende-se que os integrantes da Resistência Caipira participam ativamente da partida e expõem suas emoções, como qualquer

torcedor; todavia, ainda não possuem um cântico próprio para compartilharem dentro do estádio. Neste quesito de identificação como uma torcida organizada de futebol, observa-se que já há um grupo formado de pessoas, com faixas próprias da torcida e com vestimenta de identificação visual.

Porém, um fato me chamou a atenção: na metade do segundo tempo, com o Botafogo perdendo por um “placar elástico”⁶, os integrantes da torcida Resistência Caipira decidiram recolher as faixas e se retirar do estádio, assim como outros torcedores do clube que também fizeram esta caminhada para fora do estádio. No entanto, já do lado de fora, no local usual em que ficam na “Passarela do Álcool”, integrantes da torcida Resistência Caipira foram interpelados por pessoas identificadas como membros da torcida organizada Fiel Força Tricolor. No diálogo que se sucedeu, integrantes desta torcida desaprovaram a saída, antes do término da partida, da Resistência Caipira do estádio. Pontuaram que “a torcida tem que ficar até o final, de modo que tão somente depois, a partir do apito para o término da partida, é que todo e qualquer questionamento e manifestação devem ser feitos”, que “isto sim é ser torcedor de futebol”. A conversa aqui em destaque ocorreu de forma amena e aparentemente cordial, com ponderações de ambas as partes sobre o momento do clube e as formas de manifestação e protesto possíveis para a fase que vive o Botafogo.

O pós-jogo, portanto, se destacou pela revolta e indignação coletiva dos integrantes da torcida Resistência Caipira, assim como de outros torcedores do Botafogo Futebol Clube, com a péssima atuação da equipe, que resultou em uma derrota, em seu estádio, pelo placar de 4x1 em favor da equipe do Ceará.

O estádio Santa Cruz, ou Arena Nicnet, como afirmado acima, é a visualização “perfeita” da ambiguidade entre um “estádio raiz” e uma “arena de futebol”, fenômeno este amplamente identificado com a questão da “arenização” nos estádios de futebol.

⁶ Quando o placar do jogo possui diferença de 3 ou mais gols para o time vencedor.

Figura 19: Arena Nicnet

Fonte: Arquivo Pessoal.

No estádio há uma entrada mais “moderna”, com cadeiras e camarotes para os são sócios mais “abastados” financeiramente do clube e que têm condições de pagar por aquele espaço. No restante do estádio, com exceção de uma pequena área composta por cadeiras pertencentes à associação que deu origem ao clube, não há uma cadeira sequer, de modo que os torcedores das organizadas do clube, incluindo a torcida Resistência Caipira, se sentam no próprio concreto, sem qualquer tipo de conforto ou de reflexo de “modernização” que assola o esporte futebol como um todo. No estádio, a posição da torcida Resistência Caipira é o local que “sobrou”, após a consolidação de espaço no estádio, primeiramente, pela torcida Fiel Força Tricolor, e posteriormente, pela torcida Movimento Popular Botafoguense. Inclusive, esse local atual de posicionamento da torcida Resistência Caipira, próximo a uma das bandeirinhas de escanteio do estádio (Figura 20), chegou a ser motivo de disputa com a torcida Movimento Popular Botafoguense, principalmente na questão de espaço para exposição de faixa da torcida, em que após alguns embates e discussões, todas essas três torcidas organizadas do clube conseguiram, e conseguem,

coabitar e respeitar um espaço para cada uma dentro do estádio Santa Cruz / Arena Nicnet.

Figura 20. Posicionamento da Resistência Caipira no estádio



Fonte: Arquivo Pessoal.

No quesito interação com outros torcedores dentro do estádio, em local delimitado e “abraçado” pela torcida Resistência Caipira como “sendo seu”, não foram detectadas maiores animosidades, notando-se um respeito mútuo entre os torcedores que fazem parte das diferentes torcidas organizadas do clube. Há um evidente respeito, naquele setor do estádio, entre todos os espectadores, mostrando que sabem conviver, aparentemente, mesmo com preferências políticas e ideológicas diferentes das suas próprias convicções pessoais nesta seara. Um “único porém”, relatado pelo próprio Sr. Juarez foi quando integrantes da torcida Resistência Caipira levaram para o estádio Santa Cruz / Arena Nicnet uma bandeira do movimento LGBTQIA+, em uma demonstração de apoio ao movimento, no que alguns torcedores que estavam situados neste setor solicitaram a retirada da bandeira aqui em questão, gerando tensão, com discussões acaloradas, em que o próprio Sr. Juarez menciona que quase houve

um confronto que, por muito pouco, não chegou às vias de fato entre os presentes. O fato demonstra uma maior resistência à pauta LGBTQIA+ do que à pauta antifascista de forma geral. Porém, conforme relatos e conversas paralelas, há uma convivência cordial entre os integrantes da torcida Resistência Caipira e os demais torcedores que assistem às partidas do Botafogo Futebol Clube no setor em que se localiza a torcida aqui em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, a emergência das torcidas de futebol autodenominadas antifascistas no Brasil é um fenômeno que tem chamado atenção da literatura acadêmica. Tais torcidas buscam articular o ato de torcer com a defesa de causas contenciosas, geralmente a partir de perspectivas progressistas. O contexto de ascensão do conservadorismo no país – por exemplo, com a eleição de Bolsonaro para a presidência em 2018 – parece ter gerado reações, dentre as quais se destaca a multiplicação de torcidas autodenominadas antifascistas.

Com o objetivo de analisar as estratégias de ação das torcidas antifascistas no contexto brasileiro, esta dissertação realizou o estudo de caso da Resistência Caipira do Botafogo/SP. Para tanto, buscou-se descrever o contexto da emergência das torcidas antifascistas no Brasil contemporâneo, investigar o histórico e as causas defendidas pela Resistência Caipira, além de analisar os processos organizativos da Resistência Caipira a partir das relações com o clube e as outras torcidas.

Os resultados indicam que a Resistência Caipira foi criada, centralmente, como uma reação ao processo de transformação do Botafogo/SP em Sociedade Anônima. Os integrantes da Resistência Caipira buscam aliar a paixão pelo clube e o ato de torcer à defesa de causas contenciosas, a partir de um conceito “amplo” de antifascismo, o qual abarca lutas contra a discriminação de grupos (como as pautas antirracista e contra a homofobia), contra a arenização e elitização do futebol, entre outras.

Devido às dificuldades de atuação que encontrou (por exemplo, com a repressão policial nos estádios), a Resistência Caipira adotou, estrategicamente, um processo de formalização. Por meio da criação de um CNPJ, da formação de uma diretoria e da estruturação em setores para a realização das suas atividades, a Resistência Caipira assumiu a característica de uma torcida organizada.

A partir dessa organização, a Resistência Caipira busca ocupar espaços na política institucional do clube, além de estabelecer relações de respeito com as demais torcidas do Botafogo/SP. Esses elementos salientam o caráter estratégico da atuação da Resistência Caipira para manter sua sustentabilidade, aliada à defesa de pautas políticas.

De modo geral, esses resultados contribuem com a literatura ao demonstrar que as torcidas autodenominadas antifascistas enfrentam dilemas, tais como as relações com as forças policiais, o clube e as outras torcidas, e formulam estratégias para lidar com tais dilemas. Uma das estratégias possíveis, como demonstrado no caso da Resistência Caipira, é a formalização e a consolidação como torcida organizada. Os limites (e novos dilemas) causados pelo processo de formalização constituem um debate a ser desenvolvido a partir dos desdobramentos desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDUCCI, João Victor Mota. Coletivo de torcedores: novos atores sociais. **Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade**. V.3, n.2, São Paulo, 2022

BEZERRA, Larissa; MEZZOMO, Frank Antonio. Futebol, Sociedade e Torcidas Antifascistas no Brasil: interpretações possíveis a partir da literatura. **Revista de História e Estudos Culturais**. Uberlândia: v.20, ano 20, n.1. p. 151-169, 2023.

BISCOUTO, Jessica Karine; VIDAL, Isis Barbosa; PEREIRA, Bianca Beatriz e MUHL, Camila. As interações sociais entre homens dentro das torcidas organizadas de futebol. **Programa de Apoio à Iniciação Científica – PAIC. FAE – Centro Universitário / Núcleo de Pesquisa Acadêmica – NPA, 2020 – 202**.

BLUME, Bruno André. **5 vezes que a política entrou nas Olimpíadas**. Politize!, 05 ago. 2016. Disponível em <https://www.politize.com.br/olimpiadas-politica-5-vezes/>. Acesso em 25 out. 2023.

BORBA, Felipe; BORGES, Nathalia. **As torcidas antifascistas no Brasil**: um estudo sobre o ativismo online nas eleições de 2018. 44º Encontro Anual da ANPOCS. São Bernardo do Campo, SP, 2020.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. São Paulo: Jorge Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Redes da Indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano de; CAPRARO, André Mendes. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil: elementos teóricos e bibliográficos. **Revista da ALESDE**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 39-51, 2013.

CORREIA SOBRINHO, José. Violência de massa no futebol: um olhar clínico sobre o fenômeno das torcidas. **Folha do Campus**, Natal, Ano II, n.10, p.02, 1997.

CRISTOVO, João Victor. **Estádio de Ribeirão Preto é destaque no Guia Rota do Futebol SP**. Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, 12 dez. 2024. Disponível

em: <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/noticia/estadio-de-ribeirao-preto-e-destaque-no-guia-rota-do-futebol-sp#:~:text=O%20turismo%20esportivo%20em%20Ribeir%C3%A3o,do%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.>

DA MATTA, Roberto et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

DOS SANTOS, Leonardo. **Ribeirão Preto é a 29ª cidade mais rica do Brasil; Veja o ranking**. A cidade On Ribeirão Preto, 15 dez. 2023. Disponível em: <https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/economia/ribeirao-preto-e-a-29a-cidade-mais-rica-do-brasil-veja-o-ranking/>.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FILHO, William Helal. **João Saldanha: o técnico da seleção brasileira demitido por contrariar um presidente**. Jornal O Globo, 08 jun. 2021. Disponível em <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/joao-saldanha-demissao-do-tecnico-da-selecao-brasileira-que-contrariou-o-presidente.html>. Acesso em: 23 out. 2023.

GALLAS, Daniel. **Ele escala o ministério, eu escalo a seleção: o técnico do Brasil que peitou o presidente**. BBC News, 08 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57398513>. Acesso em 22 out. 2023.

HANSEN, Viviane. **Torcida Organizada Os Fanáticos: relacionamentos e sociabilidade**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

LEITÃO, Carla Faria. **Métodos Qualitativos de Pesquisa Científica**. In: Computação Brasil: Interação Humano-Computador no Brasil. Porto Alegre. Sociedade Brasileira de Computação, 2009.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social**. Curitiba: CRV, 2019.

LOPES, Felipe Tavares Paes & RUEDA, Lupicínio Iñíguez. **Futebol, ativismo e resistência: uma análise (crítica) de discurso de páginas do Facebook de torcidas**

antifascistas de São Paulo (2019-2020). **Discurso & Sociedad**, 16(2), 2022, 420-441 421.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **Sociologia do esporte (futebol):** conversações argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (org.). Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LOWY, Michael. **A resistível ascensão dos “novos” fascistas.** Outras mídias, out. 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-resistivel-ascensao-dos-novos-fascistas/>. Acesso em 27 nov. 2023.

MAGRI, Camille; DE PAULA, Felipe; FREIRE, João Luiz; VOLPE, Livia; DAMIARTI, Pedro e FERRETE, Pietro. **Futebol e política: uma relação histórica.** Revista Digital Laboratórioda Faculdade Casper Líbero. 15 dez. 2021. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/esportes/futebol-e-politica-uma-relacao-historica/>. Acesso em 12 jan. 2025.

MORAIS, Pamela. **5 vezes em que futebol e política se cruzaram.** Politize! 31 mai. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/5-vezes-que-futebol-e-politica-se-cruzaram/> . Acesso em 05 nov. 2023.

NETO, Carlos Alciati. **Torcida Organizada do Botafogo-SP é proibida de entrar nos estádios de SP até novembro de 2023.** GE.Globo 27 fev. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/ribeirao- preto-e-regiao/ futebol/ times/ botafogo-sp/noticia/2023/02/27/torcida-organizada-do-botafogo-e-proibida-de-entrar-nos-estadios-de-sp-ate-novembro-de-2023.ghtml>. Acesso em 13 jan. 2025.

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação.** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Gerson de Lima; PEREIRA, Matheus Mazzilli; FERNANDES, Eduardo Georjão. Muito mais que um jogo: torcidas ativistas e a defesa coletiva de causas contenciosas no futebol. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política.** São Carlos, v.33, n.00, 2024.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas:** Das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

RAMOS, Igor. Botafogo: uma história de amor e glórias. **Villimpres**, 1ª ed., Ribeirão Preto, 381 p., 2008.

SANZ, Raphael. **PM agride torcedores da Resistência Caipira, do Botafogo de Ribeirão Preto (SP), por faixa escrito “Sem Anistia”**. Revista Fórum 20 jan. 2023. Disponível em <https://revistaforum.com.br/esporte/2023/1/20/pm-agride-torcedores-da-resistencia-caipira-do-botafogo-de-ribeiro-preto-sp-por-faixa-escrito-sem-anistia-130365.html>. Acesso em 13 jan. 2025.

SILVA, Pedro. **A política está em campo**. Revista Tática. Edição 01, Rio de Janeiro, 2021.

SOARES, Alisson Rodrigues; ZAGO, Luiz Felipe. Páginas das torcidas organizadas antifascistas no Facebook: política, futebol e comunicação. In: Anais da Intercom – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville: Intercom, p.1-13, 2018.

SOARES, Alisson Rodrigues; ZAGO, Luiz Felipe. Sócrates como conexão: futebol e política em páginas de torcidas Antifascistas de futebol na rede social Facebook. In: Anais da Intercom – **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Porto Alegre: Intercom, p.1-10, 2019.

SOUZA, Gisele. **Qual a rede social mais usada em 2023? A resposta vai te surpreender**. TechTudo, 21 jul. 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.gh.html>. Acesso em 25 dez. 2023.

SOUZA JUNIOR, Roberto de Alencar Pereira de. **Corpos que torcem:** as questões de gênero e as lógicas masculinizantes de torcidas organizadas de

futebol. In: Anais da **Semana de Ciências Sociais da UFSCar**. São Paulo: v. 16, n. 3, p. 58-74, 2020.

TORO, Camili Aguilera. **O espectador como espetáculo**: notícias das torcidas organizadas na Folha de São Paulo. **Dissertação de Mestrado em Sociologia**. Unicamp, Campinas, 2004.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista com base em Oliveira, Pereira e Fernandes (2024), com a torcida Resistência Caipira.

Procedimentos Preliminares:

- ✓ Agradecimento pela participação.
- ✓ Informações básicas sobre a pesquisa e os pesquisadores.
- ✓ Pedido de gravação (possível em off).
- ✓ Anonimato assegurado.

QUESTÕES:

(01): (Trajetória do Entrevistado) Em primeiro lugar, gostaria de saber um pouco da trajetória do entrevistado: sua participação na torcida, movimentos em ações envolvendo o clube, em movimentos político-partidários e na política de uma forma geral.

(02): (Trajetória do Grupo) Gostaríamos de saber pouco sobre a história da torcida e dessa noção de coletivo em prol de um tema específico.

(03): (Antifascismo e Causas do Grupo) Antifascistas: O que é o antifascismo na perspectiva do grupo? Quais são as principais bandeiras e causas que a torcida defende?

(04): (Organização) Como funciona a organização do grupo? A sua estrutura interna? Como é feita a articulação interna entre os seus membros?

(05): (Ações do Grupo) Quais são as principais ações da torcida, dentro e fora dos estádios?

(06): (Partidos e Movimentos) Há relações, de um modo geral, entre o coletivo e partidos políticos e outros movimentos sociais?

(07): (História do Clube) Em muitos casos, clubes de futebol têm um histórico de envolvimento (positivo ou negativo) com alguns temas que são caros para as torcidas antifascistas, como a democracia, o racismo, o sexismo e a homofobia. Fale um pouco sobre como você enxerga a história e a identidade do clube em relação a essas temáticas.

(08): (Relações com Torcidas do Clube) As torcidas antifascistas convivem nos mesmos espaços com outras torcidas organizadas que não necessariamente

compartilham dos mesmos valores. Como é a relação entre o coletivo e as demais torcidas organizadas do clube? (só fazer as perguntas abaixo caso o entrevistado não mencione essas questões na resposta à pergunta acima)

a) Há relações de poder conflitivas entre as torcidas? Descreva

b) Há harmonia e cooperação entre as torcidas? Descreva

(09): (Relação com Outras Torcidas Antifas) Saindo do âmbito do clube, nós sabemos que hoje no Brasil há várias torcidas antifascistas. Como é a relação do coletivo com essas outras torcidas antifascistas e, em especial, com a torcida rival, assim denominada em termos de paixão clubística? Há contatos e articulações? Há tensões e disputas? Existe algum movimento que una torcidas de diferentes clubes em prol de um objetivo comum de luta antifascista?

(10): (Relação da torcida com a SAF) Qual a relação do entrevistado com a SAF do clube?⁷

a) O que o entrevistado pensa a respeito desse modelo de negócio no futebol?

b) Como foi recebida a notícia de implementação da SAF no clube? Qual a relação atual do entrevistado torcedor e sua paixão pelo clube de coração que agora é uma SAF?

c) A questão da arenização, na visão do entrevistado, se torna mais visível e irreversível com a constituição da SAF e esse novo modelo de negócio no futebol?

(11): (Relações com a Direção do Clube) As torcidas sofrem diversos tipos de influência das direções dos clubes e grupos políticos internos. Como vocês enxergam a relação do coletivo com a direção e com a política interna do clube?

a) Como está sendo esse processo de diálogo com o clube e os executivos da SAF do clube?⁸

b) Há alguma ação específica e disposição interna da torcida (ou de algum membro da torcida) para uma participação mais efetiva e uma disputa na política interna do clube?

c) Há relações de conflito com a política interna do clube? Descreva

(12): (Considerações finais do entrevistado) Há algo que você gostaria de acrescentar ao que foi respondido?

⁷ Caso o clube do entrevistado não seja SAF, perguntar a opinião do entrevistado sobre as SAFs.

⁸ Caso o clube do entrevistado não seja SAF, perguntar como é o processo de diálogo com a direção do clube.

Procedimentos Finais:

- ✓ Dados básicos do entrevistado (idade, profissão, raça-cor, identidade gênero, orientação sexual).
- ✓ Agradecimento pela entrevista.
- ✓ Possível escolha de pseudônimo.
- ✓ Indicação de entrevistados.

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista com o presidente do Botafogo de Ribeirão Preto.

Questão 1:

Em primeiro lugar, queria que você nos contasse um pouco da sua trajetória dentro do futebol. Gostaria que você falasse um pouco sobre a sua história no Botafogo Futebol Clube. Tanto no aspecto da sua relação enquanto torcedor, como também as suas funções e cargos diretivos dentro do Botafogo Futebol Clube.

Questão 2:

Como funciona hoje o modelo organizacional do clube? Discorra, por favor, sobre a questão da SAF, os percentuais para cada um participante da SAF, quem faz o quê nesta divisão, como montagem de elenco, pagamento de salários dos jogadores, dos funcionários do clube, as dívidas e os passivos hoje existentes no clube, etc.

Questão 3:

Qual a sua opinião sobre a questão da “arenização”: este modelo veio para ficar? O que você pode citar como prós e contras deste modelo aqui em questão?

Questão 4:

Quais são as principais ações hoje da Associação, dentro e fora do estádio?

Questão 5:

Qual a relação hoje da associação com as torcidas organizadas do clube? E, em especial, com a Torcida Resistência Caipira? Há algum tipo de alinhamento político institucional? E a questão ideológica? O que pode ser mencionado a respeito desta convivência?

Questão 6:

Em muitos casos, clubes de futebol têm um histórico de envolvimento (positivo ou negativo) com alguns temas que são caros para as torcidas antifascistas,

como a democracia, o racismo, o sexismo e a homofobia. Fale um pouco sobre como você enxerga a história e a identidade do clube em relação a essas temáticas.

Questão 7:

Há uma identificação de divisão política em busca de poder dentro do clube?

Questão 8:

E, por fim, mas seguramente não menos importante...qual o futuro do Botafogo Futebol Clube, da querida Ribeirão Preto, no interior de SP? Por favor, mencione as questões hoje debatidas em assembleias que envolvem o futuro do clube.

Procedimentos Finais:

E, desde já, te agradeço, e muito, pela atenção e pela disponibilidade, que resultaram nesta entrevista.